

PREÂMBULO

O CAMINHO ESCOLHIDO

Somos atraídos a vários caminhos, muitos em si desconhecidos, outros tantos imaginários. Quantas perspectivas, quantos itinerários, nos quais, em movimentos oblíquos, portamos sobrepostas máscaras, instaurados artificios. Por indecifráveis paragens, inomináveis tempos. “Si nemo a me quaerat, scio; si querenti explicare velim, nescio” (Se ninguém me perguntar (sobre o tempo) eu sei; porém, se quiser explicar a quem me perguntar (sobre o tempo) já não sei” (S. Agostinho, Confissões XI, 14, 17).

Como no diálogo entre o andarilho e o curioso:

“Andarilho, quem é você? Vejo-o que anda por sua estrada sem desdém, sem amor, com olhar inescrutável, úmido e triste, como uma sonda que, das profundezas, volta insaciada para a luz. Que buscava ela lá embaixo? Como um peito que não suspira, como um lápis que esconde seu asco, como uma mão que apreende devagar.

Quem é você? Que faz você? Descanse aqui. Este lugar é hospitaleiro para com todos. Recupere-se! E quem quer que seja, que coisa lhe apetece agora? O que pode lhe servir de conforto? Apenas diga: o que eu tiver lhe ofereço! Conforto? Conforto?

- Ó curioso, o que diz você? Mas por favor me dê...

O quê? O quê? Fale...

Mais uma máscara! Uma segunda máscara!

(Friedrich Nietzsche – “Além do bem e do mal – Prelúdio a uma filosofia do futuro” S. Paulo, Comp. das Letras, 2005, pp. 171-172).

Ferramentas não sejam apenas acessórios ou alegorias e sim propósitos, atitudes, serviço; busca incessante pela qualificação de artífice, não acumular supérfluos, transmutar conhecimento e instrução em prática. “Cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz”. (Almir Sáter/Renato Teixeira).

Rui Barbosa

Em placas de ruas, nas páginas da História, Rui Barbosa é um nome quase onipresente. Também pudera. Numa República brasileira ainda jovem, ele foi ora advogado, escritor e diplomata; ora estudioso apaixonado e obstinado por nosso idioma. Isso sem falar em sua atuação política visando alcançar, inclusive, a Presidência. Tal comprometimento, no entanto, não poupou Rui Barbosa da maledicência popular.

Pág. 4



A casa de Jandir e Mariinha

Mais uma edição do Boletim Sabores e Saberes, mais um imóvel a ser revisitado e ter sua história contada. Desta vez, Fábio Caputo volta à Rua Padre José Duque Siqueira, em São Tiago, onde numa simpática casinha moraram Jandir e Mariinha.

Pág. 6

Honeyde Bertussi

“Músico tradicionalista gaúcho, compositor, cantor e acordeonista, Honeyde Bertussi nasceu em 26 de Fevereiro de 1923 e faleceu no dia 4 de Janeiro de 1996. Foi conhecido como o “Cancioneiro das Coxilhas”, devido ao fato de este ser o nome de seu maior sucesso e, também, por apresentar um programa de Rádio Caxias com o mesmo nome. Iniciou sua carreira artística em 1941. Deixou centenas de composições”.

Pág. 10

Jornada reconhecida

Em Fevereiro deste ano, o Cooperativista, jornalista, ruralista e palestrante José Luiz Tejon esteve entre nós. Convidado especial do Encontro de Planejamento Estratégico do Sicoob Credivertentes, ele falou a público de mais de 200 pessoas espalhando importantes lições sobre superação e união. Ao mesmo tempo, deixou Minas Gerais encantado pela história da nossa Cooperativa. Daí escrever um artigo em que a menciona e enaltece.

Pág. 19

ADIVINHAS

- 1- Zilla fez um gol. Qual é o nome do filme?
- 2- Qual o jogador que trata água?
- 3- Qual é o primata que é pé-de-valsa?
- 4- Qual é a pessoa que descobre as dores dos doentes?

Respostas: 1- Goldézilã; 2- Agüero; 3- o orangotango; 4- O caçador

Provérbios e Adágios

- . Enquanto houver bambu, há flechas.
- . Boi amoitado, um dia aparece.
- . É de novo que se acerta o galho.
- . É melhor passar por ignorante do que ignorante ser.



Para refletir

1. "Mude suas opiniões, mantenha seus princípios; Troque suas folhas, mantenha suas raízes".
(Victor Hugo)
2. "Assim se faz a história: com a agressividade de poucos, com a ingenuidade de muitos e a dialética dos tolos".
(Affonso Romano de Sant'Anna)
3. "Nenhum povo pode viver em harmonia consigo mesmo sem uma imagem positiva de si".
(Eduardo Lourenço)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br



O PINGO D'ÁGUA

Numa manhã qualquer deste janeiro chuvoso, da janela da minha sala que dá para a varanda, comecei a observar e prestar atenção nos Pingos d'água preguiçosos, da chuva caindo no telhado, me lembrando de notas musicais. Todos sincronizados, alternando seus tempos com muita maestria.

Fiquei por vários minutos parada, pensando no valor de um pingo d'água, tão minúsculos, parecendo insignificantes e tão poderosos, grandes na junção com outros pingos na sua trajetória mundo afora. Por onde passa, tem uma explicação, para o nordestino, é a chegada da Boa Nova, com promessa de alento aos seus sofrimentos, fartura na terra e vida para pessoas e animais.

Para o agricultor: fartura com boas colheitas, para a rosa: o romantismo de uma gota sobre suas pétalas, para o Mandacaru: sinal de chuvas na terra e surgimento de flores e para todos os seres vivos: a concretização de promessa de vida.

Analisando esta última gota, havia se juntando rapidamente a outras, formando uma grande enxurrada e nunca mais voltando ao seu ponto inicial. Segue caminho sem demora, contorna os obstáculos e em poucos minutos já sumiu na natureza. Antes, tão ritmada, depois tão volumosa junto às demais e por ignorância do homem tornando-se fonte de noticiários: vidas ceifadas, moradias destruídas, desastres de várias ordens com perdas, mortes e desabrigados nas encostas, nas estradas, nas pontes, nos leitos dos rios etc.

Mas pensando no romantismo do Pingo d'água como é gostoso vê-lo cair sorrateiramente numa bica, numa goiteira, no barulho de uma lata. Este ritual faz parte da memória das pessoas do interior.

Que saibamos valorizar este bem maior de nossa natureza, a água.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

Realização:



Apoio:



AO PÉ DA FOGUEIRA

UM EMPRESÁRIO PRÁ LÁ DE COMPLICADO

Sábado chuvoso, totalmente nublado, moradores ainda atônitos com a forte tempestade noturna. Poucas pessoas, ao amanhecer, pelas ruas e estradas. O telefone fixo toca insistentemente. Era a residência do representante da previdência social naquela cidade. O morador atende. Do outro lado da linha, alguém aos gritos, aparentemente transtornado – péssima a acústica, provavelmente por causa da chuva – faz referências a acidente, hospital entremeio a palavras recheadas de impropérios e algaravias. A muito custo, após inaudito esforço de audição, o morador entende que um empregado do fazendeiro da região se ferira seriamente quando no trabalho, estando internado em Lavras e a ser transferido, dada a gravidade do caso, para Belo Horizonte.

O fazendeiro esclarecia – pelo que se pode deduzir - que seu funcionário se ferira quando reformava uma cerca de arame farpado em sua propriedade rural, tendo um dos grampos da cerca, ao ser martelado, se soltado, atingindo-o de cheio no olho; com o impacto ou susto, o trabalhador caíra violentamente ao solo, com sérios ferimentos e traumatismos na cabeça e pescoço.

O fazendeiro e empresário – sr. Líbero, assim vamos denominá-lo – dado a grãfinagens, metediço a rico, sempre empavonado, frequentador de altas rodas, carro do ano (tinha até avião de pequeno porte), mulheres diversas a tiracolo, de forma agressiva, exigia, outrossim, em tom inquisitorial, a presença imediata do representante em Lavras, pois, segundo afirmava, o hospital recusara-se a atender seu funcionário pelo regime previdenciário. Descabida a exigência do empregador, porquanto hospitais atendem emergencialmente os segurados em dias não úteis, ainda mais acidentados, regularizando-se quaisquer pendências (como a falta de um documento no momento da internação) a posteriori. Ademais, o funcionário estava em sua residência, em dia de sábado, data sem expediente, sem atendimento ao público. Assim, o morador orientou-o, por telefone, quais providências deveriam ser tomadas quer junto ao hospital, quer junto à previdência social – inclusive sua presença ou de preposto na repartição previdenciária - para regularização do acidente de trabalho, ocorrências em si e sempre lamentáveis, já na segunda-feira seguinte.

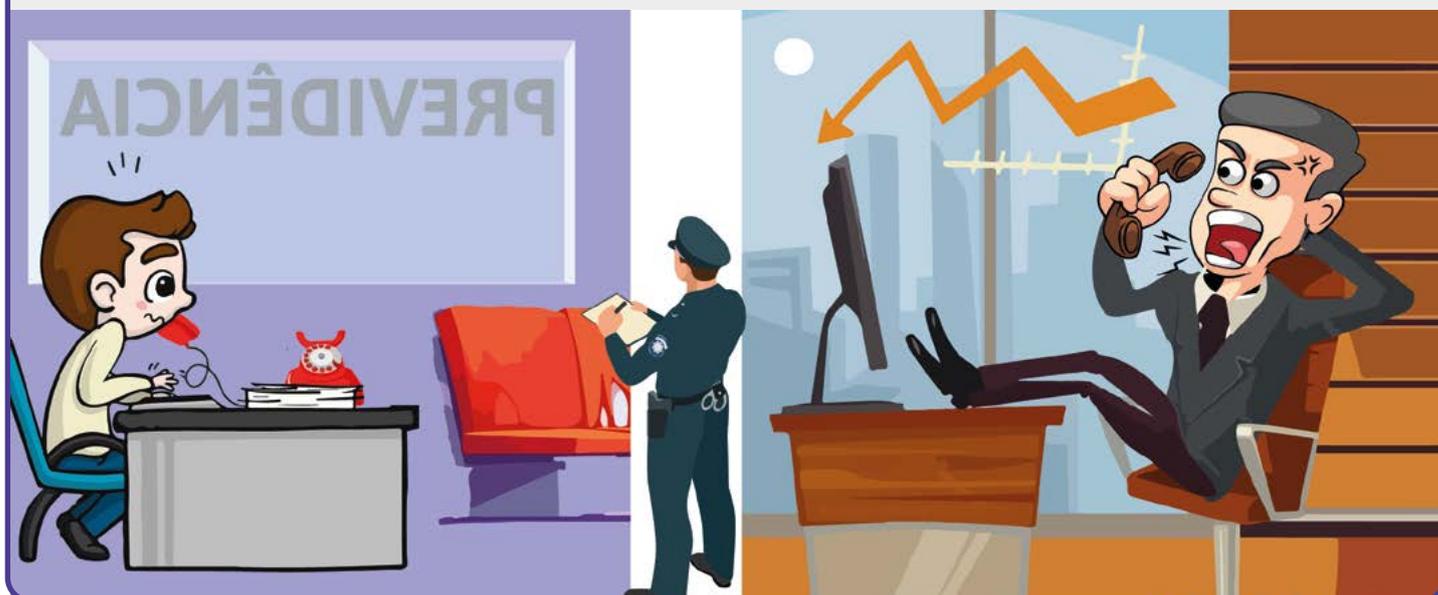
O homem não se fez de rogado. Proferindo inúmeras imprecações e ameaças – dentre elas de que era homem poderoso, amigo de políticos, militares, juízes e que denunciaria o encar-

regado da previdência junto aos superiores da autarquia, acabou por desligar ruidosamente o telefone. Que este esperasse as consequências... Na segunda ou terça-feira, o fazendeiro, acompanhado de estranhos mal-encarados (advogados assim afirmaram) comparece à agência previdenciária, com ofensas a tudo e a todos, tendo o empresário o desplante de colocar as botas enlameadas em cima da escrivaninha e de sujar ostensivamente paredes e pisos, fato testemunhado por outros beneficiários presentes. Preencheu, de forma desdenhosa, a declaração acidentária e após as formalidades junto a unidade, cumpridos os trâmites legais então vigentes, levou em seu poder, as guias para regularização junto à unidade hospitalar em Lavras.

O funcionário dedica-se aos seus afazeres na unidade, tendo até se esquecido do fato. Dois ou três meses passados, eis que, certa manhã, é surpreendido com a presença de auditores da autarquia e de agente da Polícia Federal. Com duas denúncias para apurar: uma contra o funcionário, acusado pelo fazendeiro de desinteresse e desconsideração funcional, pois se recusara a deslocar-se, para atenção a grave fato ocorrido com trabalhador seu; que fora mal atendido etc. Acusação encaminhada diretamente ao ministro da Previdência, de quem se dizia amigo e correligionário. Outra: uma denúncia anônima, porém vigorosa, contra o citado fazendeiro: de que o acidente ocorrera, de fato, em uma indústria beneficiadora de produtos químicos de propriedade do empresário e não em sua fazenda; que este contrabandeava insumos e materiais químicos do Paraguai para produção de adubos e componentes industriais, mundialmente proibidos, dentre eles o chamado pó da China, para cá trazidos em pequenas aeronaves, voos clandestinos, aqui processados e vendidos ilegalmente, com gravíssimos danos ambientais, evasão de tributos, falsificação industrial, o diabo!

O funcionário consegue, com relativa facilidade, comprovar que agira de acordo com todas as normas administrativas, não lhe cabendo nenhuma responsabilidade pelo falso comunicado do empresário, bem como buscara atender, com urbanidade e responsabilidade, os interesses da instituição. Bem, quanto ao sr. Líbero, após algum tempo, desapareceria do mapa, vendendo suas propriedades na região e decerto, usufruindo, em outras plagas, das benesses dos “amigos e correligionários” que mandam e desmandam no País... Soube-se pela imprensa que passara a responder pesados processos junto à Justiça Federal, estando foragido, provavelmente no interior da África, onde, segundo se dizia, também tinha negócios os mais repugnantes e escusos, dentre eles exploração fraudulenta de diamantes, escravização de nativos e por ai afora.

Ossos do ofício...



RUI BARBOSA RETRATO DE UM GRANDE BRASILEIRO

**1849-1923
CENTENÁRIO DE
FALECIMENTO**

Um dos mais notáveis brasileiros de todos os tempos, Rui Barbosa ainda hoje é modelo de sabedoria, retórica elevada, pujança intelectual. Arauto mór do direito, da liberdade, probidade, equanimidade seja no âmbito privado quanto – e especialmente – no exercício público. Nasceu em Salvador aos 05 de novembro de 1849.

Expoente e mestre da linguagem, manejou e enobrecer como ninguém o idioma pátrio, primando pela riqueza léxica, austeridade na sintaxe, esmero na ortografia. De uma genialidade sem par, conseguiria reunir, empregar e incorporar ao nosso léxico mais de 4.000 vocábulos e dessa forma dicionarizados. Ainda hoje, inspiração, guia e modelo eloquente de trabalho, de justiça, de seriedade e serenidade.

Um de seus mais elevados ideários era o de presidir o Brasil. Foi candidato à presidência da República em duas oportunidades – 1909 e 1919 – não conseguindo êxito, porquanto lutando contra o governo e até mesmo contra o Exército, as eleições eram contumazmente fraudadas. O sistema eleitoral era precário, manipulado em atas rudimentares falsificadas, das formas as mais grosseiras, sempre a serviço dos detentores do poder. O fato se repetiria em 1919 – já idoso, a contragosto, Rui decidiu uma vez mais candidatar-se. O candidato oficial, Epitácio Pessoa, não pediu um voto sequer. Residindo na Europa, acabaria eleito na base da maracutaia, aqui aparecendo só para tomar posse.

Rui seria, ademais, vítima de inúmeras e fantasiosas calúnias, ao longo de sua exuberante existência. Vira e mexe, alguém à busca de notoriedade e venda fácil de livros, lançava – e ainda lança – algo malicioso contra Rui, pois, afinal, falar mal de famosos e de gênios, continua vendendo e rendendo bem! Libelos de que teria se enriquecido rapidamente à época de sua passagem pelo Mi-

nistério da Fazenda; de que fora presenteado/recompensado com uma casa na rua São Clemente (hoje Casa de Rui Barbosa) por correligionários e parentes, aos quais teria beneficiado à época do “Encilhamento” (Rui Barbosa provou com farta documentação ter adquirido a casa, com recursos próprios, por 130 contos de réis); de que teria mandado queimar a documentação relativa ao tráfico de escravos etc. Tentaram – e tentam – seus detratores situá-lo como intolerante, ateu, de que era mau pagador e firulas outras...

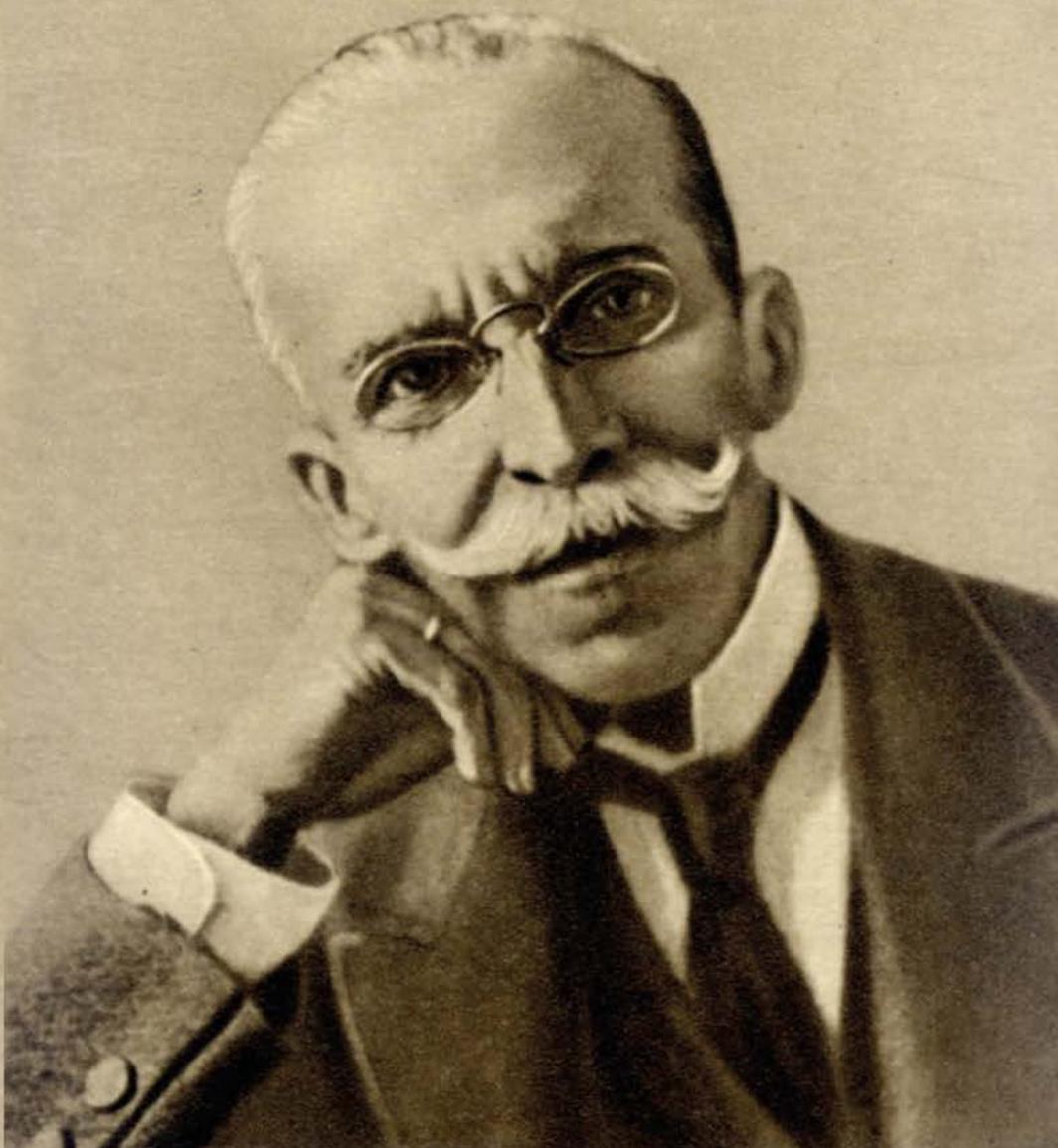
Um dos maiores políglotas de seu tempo, representou nosso País na Conferência da Paz de Haia (1907), granjeando admiração geral. Tendo se refugiado na Inglaterra, espantou-se com a péssima imagem do Brasil no exterior, o que, infelizmente, perdura até os dias atuais. Aliás e deploravelmente, piorou ainda mais...

Faleceu no dia 01-03-1923 em Petrópolis/RJ sendo sepultado com honras de chefe de Estado, tendo o jornal “Gazeta de Notícias” estampado, então, na primeira página: “Apagou-se o sol!”. O jornal “A Pátria”, por sua vez, estampou a manchete: “Falece o maior gênio da Raça!”

Foi dele a ideia e a letra da criação dos tribunais de contas no País.

Algumas de suas célebres e sempre atuais perorações:

- “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a de-



sanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”.

- “A justiça coroa a ordem jurídica, a ordem jurídica assegura a responsabilidade e a responsabilidade constitui a base das instituições livres”.

- “A liberdade mais necessária é a da imprensa. Ela, por sua natureza, representa as outras”.

- “A administração pública prospera e vive muito mais da verdade e da moralidade com que se pratica do que das grandes inovações e das belas reformas que se lhe consagram”.

- “O governo da nação pela nação tem por suprema essa norma: para a nação há segredos, na sua administração não se toleram escaninhos, no procedimento dos seus servidores não cabe mistério”.

- “Todas as crises que pelo Brasil estão passando e, que dia a dia, sentimos crescer aceleradamente, a crise política, a crise financeira não vem a ser mais do que sintomas, exteriorizações reveladoras de um estado mais profundo, uma suprema crise: a crise moral”.

- “Os déspotas, por via de regra, não se atiram de chute em pleno despotismo. Ensaiam, tateiam, adiantam-se pouco a pouco. Já Montesquieu observava que Tibério não deixou ver os seus vícios senão à medida que se convenceu de poder fazê-lo impunemente”.

- “De todas as liberdades, a do pensamento é a maior e a mais alta. Sem ela, todas as demais deixam mutilada a personalidade humana, asfixiada a sociedade, entregue à corrupção o governo do Estado”.

- “A lei mais relevante para o movimento regular do mecanismo administrativo e político de um povo é o orçamento. E também o alvo preferido das irregularidades e dos abusos de poder”.

- “Para os socialistas, o Estado fazia o papel de mágico e por isso mesmo promete aos povos a igualdade na abundância e lhes dá a igualdade da miséria”.

- “A lei da guerra é a força. A lei da força é a lei da insídia, a lei do assalto, a lei da pilhagem, a lei da bestialidade. Lei que nega a noção de todas as leis, lei de inconsciência que autoriza a perfídia, consagra a brutalidade, agaloa a insolência, eterniza o ódio, premia o roubo, coroa a matança, organiza a devastação, semeia a barbárie, assenta o direito, a sociedade, o Estado no princípio da opressão, na onipotência do mal. Lei de anarquia que se opõe à essência de toda legalidade, substituindo a regra pelo arbítrio, a ordem pela violência, a autoridade pela tirania, o título jurídico pela extorsão armada. Lei animal, que se insurge contra a existência de toda a humanidade, ensinando o homicídio, propagando a crueldade, destruindo lares, bombardeando templos, envolvendo na chacina universal velhos, mulheres e crianças. Lei da torpeza que proscree o coração, a moral e a honra, misturando a morte com o estupro, a viuvez com a prostituição, a ignominia com a orfandade. Lei de mentira na falsa história que escreve, nos falsos pretextos que invoca, na falsa ciência que explora, na falsa dignidade que ostenta, na falsa bravura que assoalha, nas falsas liberdades que reivindica, fuzilando enfermeiras, atacando hospitais, metralhando povoações desarmadas, incendiando aldeias, bombardeando cidades abertas, minando estradas navais de comércio, submergindo navios mercantes, canhoneando tripulações e passageiros refugiados nas lanchas de salvamento, abandonando as vítimas da covardia das suas proezas marítimas aos mares revoltos e aos frios dos invernos boreais. Lei do sofisma, lei da inveja, lei da carniceria, lei do instinto sanguinário, lei do homem brutificado, lei de Caim”.

O BRASIL NÃO É ISSO

Rui Barbosa

Mas, senhores, se é isso o que eles veem, será isto, realmente, o que nós somos? Não seria o povo brasileiro mais do que esse espécimen do caboclo mal desasnado, que não se sabe ter de pé, nem mesmo se senta, conjunto de todos os estigmas de calaçaria e da estupidez, cujo voto se compre com um rolete de fumo, uma andaina de sarjão e uma vez d'aguardente? Não valerá realmente mais o povo brasileiro do que os conventilhos de advogados administrativos, as quadrilhas de corretores políticos e vendilhões parlamentares, por cujas mãos corre, barateada, a representação da sua soberania? Deverão, com efeito, as outras na-370 Rui Barbosa ções, a cujo grande conselho comparecemos, medir o nosso valor pelo dessa troça de escultores do poder, que o julgam ter conquistado, com a submissão de todos, porque, em um lance de roleta viciada, empalmaram sorte e varreram a mesa?

Não. Não se engane o estrangeiro. Não nos enganemos nós mesmos. Não! O Brasil não é isso. Não! O Brasil não é o sócio de clube, de jogo e de pândega dos vivedores, que se apoderam da sua fortuna, e o querem tratar como a libertinagem trata as companheiras momentâneas da sua luxúria. Não! O Brasil não é esse ajuntamento coletício de criaturas taradas, sobre que possa correr, sem a menor impressão, o sopro das aspirações, que nesta hora agitam a humanidade toda. Não! O Brasil não é essa nacionalidade fria, deliquesciente, cadaverizada, que receba na testa, sem estremecer, o carimbo de uma camarilha, como a messalina recebe no braço a tatuagem do amante, ou o calceta, no dorso, a flor-de-lis do verdugo. Não! O Brasil não aceita a cova, que lhe estão cavando os cavadores do Tesouro, a cova onde o acabariam de roer até aos ossos os tatus-canastras da politicalha. Nada, nada disso é o Brasil.

O QUE É O BRASIL

O Brasil não é isso. É isto. O Brasil, senhores, sois vós. O Brasil é esta assembleia. O Brasil é este comício imenso de almas livres. Não são os comensais do erário. Não são as ratazanas do Tesouro. Não são os mercadores do Parlamento. Não são as sanguessugas da riqueza pública. Não são os falsificadores de eleições. Não são os compradores de jornais. Não são os corruptores do sistema republicano. Não são os oligarcas estaduais. Não são os ministros de tarraxa.

Não são os presidentes de palha. Não são os publicistas de aluguer. Não são os estadistas de impostura. Não são os diplomatas de marca estrangeira. São as células ativas da vida nacional. É a multidão que não adula, não teme, não corre, não recua, não deserta, não se vende. Não é a massa inconsciente, que oscila da servidão à desordem, mas a coesão orgânica das unidades pensantes, o oceano das consciências, a mole das vagas humanas, onde a Providência acumula reservas inesgotáveis de calor, de força e de luz para a renovação das nossas energias. É o povo, em um desses movimentos seus, em que se descobre toda a sua majestade.

A casa do Jandir e da Mariinha

"Existem Mundos Perdidos. Com certeza existem. Se antes eram a nossa realidade, o dia a dia da nossa vida, depois, por alguma interseção, algum desvio ou interrupção na história, migram para cantos isolados e perdidos da memória. Não necessariamente morrem, mas ficam escondidos esperando que sejam lembrados enquanto existirem quem neles viveram ou surjam outros que se importem e queiram conhecê-los."

A Rua Padre José Duque de Siqueira, em São Tiago, começa na Casa da Banda e termina na chamada Praça do Rafael, no Cruzeiro.

Esta rua já teve outro nome no nascedouro desta história, Rua Dom Viçoso, e foi ali que o Sr. Jandir e Dona Mariinha, meus sogros, construíram sua casa e seu lar no número 54. Como uma figura quimérica este lugar tem na mistura de sua constituição uma parte, o lar, ancorada em um Mundo Perdido e nele se transformando, e outra, a edificação com alicerces apoiados no mundo real e se adaptando ao futuro. Mas, os sentimentos podem ser pesados e costumam ser cegos de um olho, se fixando na ideia de que o Mundo Perdido é o resumo daquilo que é mais importante.

ARQUIVO FAMILIAR



Casa do Jandir e da Mariinha

O Sr. Jandir José de Almeida era filho do Sr. José Aleluia de Almeida, ou Zé Lelua, comerciante histórico da cidade, proprietário de bar em um pequeno prédio de dois andares ao lado do cinema. Era famoso por um doce de leite que vendia em seu ponto comercial, produzido por ele mesmo em sua casa em grandes tachos. Os netos contam com felicidade que depois de fazer o doce ele o retirava do vasilhame deixando uma generosa quantidade esquecida sobre o metal, chamando a seguir a meninada para raspar o tacho. Tudo virava uma festa. Foi um homem que deixou uma herança curiosa e inusitada. Um de seus colaboradores, João, ganhou sobrenome de referência, João do Zé Lelua, tornando-se também proprietário de um estabelecimento do mesmo tipo. Depois de falecido o Sr. José Aleluia o bar passou por vários proprietários e administradores, mas conservou um pequeno mistério localizado na parte do fundo, além do ambiente do balcão: os reservados! Espaços delimitados por algum tipo de divisória que mantinha a privacidade de alguns fregueses. Um mistério de verdade para quem não podia, pela idade, entrar naquele recinto.

Maria Carvalho de Almeida, ou Dona Mariinha, era filha de Carlos Ribeiro de Carvalho, o Caíto, dentista prático da cidade, e Maria do Carmo Caputo, ou Dona Sinhá Caputo.

Será necessário fazer um pequeno desvio no roteiro dessa resenha para ressaltar alguns aspectos da vida de Dona Sinhá Caputo que, em algumas referências, recebe a etiqueta de mulher além de seu tempo. Dona Sinhá era uma pessoa independente, assertiva, dona de suas próprias pernas e pronta para assumir seus próprios negócios. Ao sair para as ruas, costume de seu gosto, não abria mão de uma elegância discreta e uma bolsa nos braços, tanto que ganhou

o apelido de conhecimento público de "Maria Bolsa".

Viajava até para lugares distantes como Bariloche, sozinha ou acompanhada por amigas, dispensando a presença de algum parente que teoricamente teria a responsabilidade de cuidar dela. No retorno para casa trazia mimos para os netos e minha esposa Sandra lembra com nitidez o perfume acentuado e a cor meio roxa do papel que envolvia as valiosas maçãs argentinas, que ela trazia na sua bagagem. Mais que agrados, tinham status de presente. Dona Sinhá Caputo foi sócia de seu irmão Caputinho no empreendimento Hotel Caputo onde também era gerente e moradora. Localizado na Rua Marechal Deodoro, centro, em São João del Rei, era um casarão que foi utilizado em hotelaria desde o final do século XVIII, passando pelo Hotel Caputo e chegando aos nossos dias como Hotel Colonial. Este hotel também era destino de férias para vários netos e família, onde era possível experimentar um ambiente diferenciado com quartos numerados, escadarias e refeitório, uma novidade em suas vidas. É importante ressaltar que toda atitude autossuficiente de Dona Sinhá Caputo teve como pano de fundo uma realidade provinciana e contextualmente machista.

A primeira residência dos meus sogros foi em Conceição da Barra de Minas e durou enquanto nasciam os três primeiros filhos. Por comodidade e procura de assistência os partos eram em São Tiago e depois a família voltava aumentada para Conceição da Barra. Mudaram para São Tiago, passaram por dois endereços no Largo da Matriz, até que em um negócio de oportunidade o Sr. Jandir comprou um terreno no local onde construiria sua residência. Enquanto a obra era executada acomodaram-se do jeito possível em uma casinha pequena e simples existente no terreno, demolida ao fim dos trabalhos. De um modo ou de outro o Sr. Jandir realizou aquilo que é o desejo de muitos filhos, ou seja, morar ao lado dos pais.

A casa poderia ser tipificada como um "falso meio sobrado". Alinhada ao meio fio, era "falso" porque não apresentava os cômodos inferiores ao nível da rua, e era "meio" pela altura do piso interno que não alcançava um pé direito. Pelo menos resguardava o interior da casa de olhares indiscretos dos pedestres, pecado contínuo de muitos construtores de São Tiago. Uma escada levava até um pequeno alpendre para recepção de quem chegava. Era uma casa trivial, que se destacava por um espaçoso cômodo frontal, com vista para a rua, iluminado por uma grande janela sanfonada em quatro partes. Neste cômodo o Sr. Jandir instalou seu consultório de dentista servido por uma porta exclusiva que ladeava a da sala. Ao centro, dominando o ambiente, reinava o equipo odontológico, a marcante cadeira de dentista. Este equipamento parecia uma evolução maligna da cadeira de barbeiro, saída de uma masmorra. Com braços mecânicos, apêndices metálicos, juntas móveis, brocas e outras ameaças encurralava o cliente novato em um tipo engasgado de medo. O consultório ganhou um pomposo nome familiar de "O Gabinete" e se transformou em amplo quarto quando seu dono se aposentou.

Sem muita certeza eu tenho uma leve impressão de fato real possível misturada à outra leve impressão de fato inventado plausível, de que em criança fui cliente de meu próprio futuro sogro. Todo aquele aparato de tecnologia primitiva pode ter contribuído para semear em mim o medo físico ilógico que sinto na cadeira de dentista, um dos piores lugares do mundo.

No início do casamento uma pessoa chegou a bater nas latas de mantimento da despensa para verificar criticamente se elas estavam cheias ou vazias, de acordo com som produzido. Assim, como contam inúmeras histórias familiares, para se firmar como um bom provedor da família e enfrentar o descrédito inicial o Sr. Jandir lançou-se ao mundo como pode, mesmo de forma pouco linear. Ingressou na vida de mascate, revendendo meias, tecidos, chinelos e roupas adquiridos de início no comércio do Sr. Caputinho em São João del Rei e posteriormente em outros fornecedores.

Em sequência, aprendeu, ou pelo menos conseguiu a coragem suficiente para começar o difícil aprendizado do ofício de dentista prático, com o seu sogro Sr. Caíto. Misturando a experiência de mascate com sua nova profissão praticou indo até seus clientes, de casa em casa, de fazenda em fazenda.

Com o tempo montou um consultório que manteve até quando achou que o esforço físico desprendido pela atividade iria contra os seus problemas cardíacos. Mudou levemente o rumo das coisas, fez cursos e tornou-se protético. Se a técnica era a possível, ele demonstrava uma preocupação estética elogiável na confecção das próteses, dentaduras porque não, adicionando mínimos fiapos de cobertor rosa azulado à massa ou resina de moldagem para simular pequenos vasos da gengiva.

Sempre existe um alívio cômico para abrandar situações. Certa vez um possível cliente lhe enviou um bilhete e um pedaço de barbante anexo: “- Segue a medida da boca da Leca. Pode executar o serviço da dentadura”.

Naquela época o volume de dinheiro vivo circulante era muito baixo. Um derivado do escambo deu origem a uma espécie de troca de serviços por produtos para driblar o problema. Os clientes pediam para pagar os atendimentos dentários com itens de sua produção agrícola e o Sr. Jandir atendia, sem muita opção, numa situação corriqueira repetida por muitos em outras situações. O pagamento era realizado com sacas de arroz, café, feijão, fubá e etc. Eram recolhidos a caixotes de madeira numa casinha da horta, que ganharam o nome dúbio e esquisito de caixões.

O Sr. Jandir possuía a profunda consciência de que os conhecimentos de dentista prático que acumulou não eram o bastante para enfrentar os casos mais graves e complicados, segundo confidências familiares que eu mesmo presenciei. Afinal, as bocas maltratadas, os dentes brocados e as hemorragias tão comuns cobraram um alto preço deixando um sentimento de insuficiência que afetava a própria tranquilidade, talvez a saúde. Em casos extremos chegava a hospedar o cliente em dificuldades por alguns dias, em sua própria casa, esperando que a pior fase passasse. No tempo em que se deslocava até onde havia trabalho, era ele que pernoitava na casa do cliente enquanto fosse necessário. A sensação de não saber o que fazer nos casos que saíam do controle o incomodava, e talvez o perseguisse.

O Sr. Jandir foi um pai severo e Dona Mariinha uma mãe brava, tudo de acordo com a vigente cartilha orientadora de pais. Dona Mariinha era extremamente religiosa em sua fé pragmática que desaconselhava questionamentos e conflitos, mas isso não impediu que desenvolvesse um método diferente e meio malvado de castigo físico para suas filhas. Algo que desafiava adjetivos, oscilando entre recurso normal de criação ou maltrato simplesmente. Mas, ninguém ficou traumatizado e todo mundo “deu gente”, como é dito por aí sem esperar consenso fácil a respeito. Ao final, sobra uma desaprovação frouxa, envergonhada e sorrindo amarelo para os eventos do passado. O método em si era chamado de “Beliscão de Finisquinho”, excruciantemente dolorido, segundo as filhas da casa. Era um beliscão aplicado com as pontas das unhas pegando uma espessura muito fina de pele, seguida por um meio giro no pulso. Isto durou até que um dia o Sr. Jandir pegou Dona Mariinha de surpresa aplicando nela o tal “Beliscão de Finisquinho”, seguido de um aviso para que ela não mais o fizesse com as meninas. Simples assim, assim foi feito.

Outro exemplo da braveza de Dona Mariinha é uma frase que ela costumava proferir sempre que uma filha demorava a retornar de um encontro com amigas, um passeio ou qualquer oportunidade de diversão, perdendo a última refeição servida: “- Onde o galo canta, janta!”, fechando figurativamente a cozinha.

Felizmente esta pequena fração de memória ranzinza não é páreo para o restante, mais brilhante e alegre, gerador de contrapartidas que exploram, por exemplo, uma conexão com um de carinho de mãe recebido. Minha esposa Sandra se lembra, aquecida por um conforto de lembrança boa, de um vestidinho branco rodado. A peça foi toda costurada e enfeitada por sua mãe, Dona Mariinha, considerada uma boa costureira. A história do Chapeuzinho Vermelho e

do Lobo Mau era contada em bordados sequenciais no sentido da circunferência da peça, como um livro infantil ou uma história em quadrinhos. Uma tristeza que a Sandra sente é não saber o destino do vestidinho. Corriqueiramente os objetos do passado somente são valorizados no futuro com a certeza da perda.

Quando jovem Dona Mariinha era muito amiga de Dona Nilda do Zé Afrânio, de Dona Antônia do Fazinho e de Dona Naná do Totonho Vivas, entre outras, é claro. Mantinha intensa proximidade com sua irmã, Dona Teca do Zé Carvalhinho, pessoa de uma prosa admirável e cativante, indispensável em qualquer tarde preguiçosa de conversas e causos. Dona Mariinha é sempre lembrada em memoriais de conhecidos como uma boa amiga, companheira perfeita para festas, eventos com dança ou um simples passeio pela cidade, como bem atesta depoimento recente de Dona Nilda ao informativo Sabores & Saberes.

ARQUIVO FAMILIAR



Dona Mariinha e amigas

Sr. Jandir e Dona Mariinha faleceram em 1992 e 2012, respectivamente. A casa parece ter encontrado um destino esperançoso e desejado por todas suas companheiras que levaram a cabo a sua missão sagrada. Foi comprada por um dos netos, reformada e terá uma segunda chance para se tornar moradia, abrigo e lar, para ajudar a construir novas pessoas e criar novas histórias. O singelo objetivo de toda boa casa.

O casal Jandir e Mariinha, meus sogros, teve sete filhos: além de Sandra, Toninha, Vanda, Carminha, Heliana, Carlito e Cacá. Acolheram-me como um irmão quatro décadas atrás e tornaram-se minha segunda família. É minha opinião, distante da trivialidade de um lugar comum batido. Vivi e convivi no Mundo Perdido daquele lar de pessoas boas muito mais do que em várias casas de minha família de sangue. Confesso que sinto falta.

ARQUIVO FAMILIAR



Jandir e Mariinha

Fabio Antônio Caputo,
Engenheiro civil aposentado e genro

As três ilhoas (1723 - 2023)

Tricentenário de sua chegada em nossa região.

Marta Amato

Foi quem pesquisou a ascendência açoriana das irmãs. Já a descendência foi pesquisada pelo falecido genealogista Dr. José Guimarães por 50 anos e ampliada por vários outros pesquisadores.

Desde o início de 1720, a imigração açoriana se fez notar no Brasil meridional, principalmente nas Províncias de Minas Gerais e São Paulo. A densidade populacional e os constantes tremores de terra, erupções vulcânicas e as crises alimentares com a super-população das ilhas que formam o Arquipélago dos Açores, impulsionou os habitantes a solicitar à Coroa portuguesa autorização para a vinda para o Brasil.

Diante da possibilidade de povoar a nova colônia (onde a maioria dos habitantes era de aventureiros e homens solteiros que vieram em busca das minas de ouro e diamantes), com casais que iam fixar-se na terra, o Governo português autorizou a emigração.

As famílias foram chegando e estabeleceram-se principalmente na Província de São Paulo, que compreendia a Ilha de Santa Catarina (depois Capitania de Santa Catarina, hoje Estado de Santa Catarina), o Rio Grande de São Pedro (hoje, Estado do Rio Grande do Sul), e no sul da Província de Minas Gerais.

Vieram das ilhas do Pico, Santa Maria, Terceira, Faial, Flores, Graciosa, São Miguel, e muitos da Ilha da Madeira.

Dificilmente algum habitante dessa parte do Brasil deixa de ter antepassados com os nomes Goularte, Duarte, Garcia, Faria, Fagundes, Leal, Silveira, Rezende e assim por diante.

Aqui foram desbravadores, povoadores e fundadores de cidades.

A grande maioria dedicou-se à cultura de subsistência (milho, feijão, algodão, cana de açúcar) e criação de gado e tropa cavalar, numa época em que a fome era uma constante nas minas de ouro.

Deixaram suas marcas e seus costumes por onde passaram. Ainda hoje, acontecem festas populares e religiosas com o sabor dos Açores. As mulheres ainda tecem as rendas e bordam, como suas antepassadas. A hospitalidade açoriana é notada, principalmente em Minas Gerais, com a farta mesa de pães, biscoitos, queijos e doces para os que chegam.

Ainda em Minas Gerais, encontramos três irmãs que se tornaram figuras lendárias: Antonia da Graça, Júlia Maria da Caridade e Helena Maria de Jesus, que aqui ficaram conhecidas como "AS TRÊS ILHOAS". Eram filhas de Manuel Gonçalves Correa e de Maria Nunes, vieram da Freguesia de Nossa Senhora das Angústias, na Ilha do Faial – Açores, e chegaram no ano de 1723. Antonia veio casada com Manuel Gonçalves da Fonseca e já com duas filhas: Maria Teresa e Catarina; Júlia e Helena casaram-se aqui, com açorianos. A primeira, com seu conterrâneo Diogo Garcia, e a segunda, com João de Rezende Costa natural da Ilha de Santa Maria. Tiveram muitos filhos e seus descendentes espalharam-se pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, enfim por quase todo o centro-oeste brasileiro.

Falar sobre "AS TRÊS ILHOAS", equivale a descrever uma grande genealogia.

ASCENDÊNCIA AÇORIANA DAS LENDÁRIAS "TRÊS ILHOAS"

No dia 27 de junho de 1666, na Freguesia de Nossa Senhora das Angústias, na Ilha do Faial (Açores), casam-se JOÃO LOURENÇO ou NUNES, filho de MANOEL LOURENÇO e de AGUEDA NUNES, com MADALENA GEORGE, filha de GASPÁR GEORGE e de CATARINA GEORGE, sendo os pais dos noivos já falecidos. (Livro 1º de casamentos – 15/1/1666 a 25/3/1694, pag. 1, 2º assento). Não achei o óbito de

João Nunes (provavelmente falecido em outra freguesia), mas foi entre 1675 e 1677, pois no dia 1º de novembro de 1677, Madalena George, viúva, contraiu matrimônio com MANOEL RODRIGUES FURTADO, falecido aos 17 de novembro de 1719 com mais ou menos 68 anos, filho de Manoel Rodrigues e de Catarina Duarte. Madalena George faleceu no dia 1º de junho de 1722, com 80 anos, com testamento, onde declara que foi testamenteira de seu 1º marido.

JOÃO NUNES E MADALENA GEORGE

TIVERAM 4 FILHOS:

1.1

MARIA NUNES, batizada aos 24 de abril de 1667 na Freguesia de Nossa Senhora das Angústias e faleceu no Brasil, aos 5 de janeiro de 1742 na vila de Prados, Minas Gerais. Casou-se na mesma localidade onde nasceu, aos 22 de julho de 1685, com MANOEL GONÇALVES CORRÊA apelidado "o Burgão", natural da Freguesia do Espírito Santo da Feiteira (Faial), filho de JOÃO GONÇALVES e de IGNES CORRÊA. Tiveram 5 filhos, dos quais 4 deixaram descendência. Foram 1 homem e 3 mulheres, estas vieram para o Brasil, onde ficaram conhecidas como "AS TRÊS ILHOAS". Acredito que tenham vindo com destino certo, pois aqui encontraram Diogo Garcia, conterrâneo e aparentado com a família pelo casamento de sua sobrinha Anna Maria, filha de Maria da Ressurreição com Antonio Nunes, irmão das Três Ilhoas. Filhos:

2.1 ANTONIA DA GRAÇA ou DE AGUIAR (como aparece no assento de seu casamento e batismo de sua 1ª filha), foi batizada aos 21 de fevereiro de 1687 (padrinhos o Capitão Antonio Machado e Maria Rodrigues) e crismada em dezembro de 1696 (tendo como madrinha Luzia Rodrigues, mulher de Matheus Gonçalves). Casou-se aos 7 de fevereiro de 1706 com MANOEL GONÇALVES DA FONSECA, natural da Freguesia de Nossa Senhora das Angústias, filho de FRANCISCO RODRIGUES DA FONSECA e de BARBARA GARCIA (não achei o batismo dele, mas encontrei o casamento de seus pais aos 5 de fevereiro de 1673, sendo o noivo viúvo de Francisca Alvernas, e a noiva filha de Mathias Gonçalves e de Barbara Garcia). Tiveram 3 filhos nascidos no Faial e 1 no Brasil:

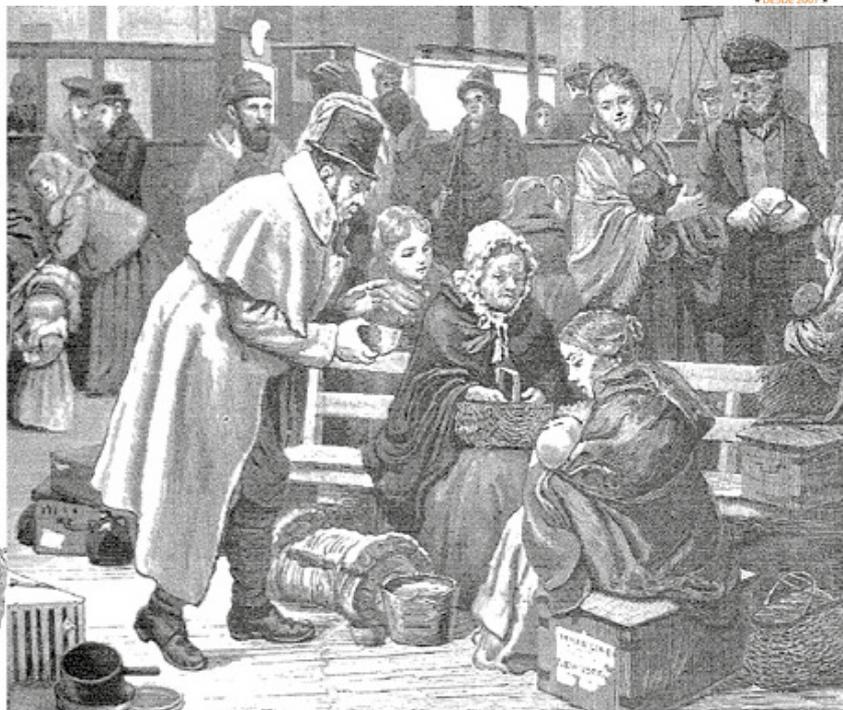
3.1 MARIA TERESA DE JESUS, nascida aos 8 de julho de 1714 e batizada aos 14 do mesmo mês e ano. Casou-se 1ª vez em fevereiro de 1728, em São João del Rei – MG – Brasil, com o português INÁCIO FRANCO, e 2ª vez, na mesma localidade, aos 4 de fevereiro de 1746 com BENTO RABELO DE CARVALHO, nascido aos 29 de janeiro de 1717 e batizado aos 7 de fevereiro do mesmo ano, na Freguesia de São Nicolau, Cabeceiras de Basto, filho de João de Oliveira e de Maria Gonçalves, ela, do lugar de Gondarem (casado aos 3 de setembro de 1714 na mesma freguesia); n.p. Antonio de Oliveira e Catarina Dias, n.m. João de Carvalho e Maria Gonçalves.



Prados/MG



Emigração açoriana



Maria Teresa deixou grande geração dos dois casamentos.

3.2 MANOEL GONÇALVES DA FONSECA, nascido aos 10 de fevereiro de 1719, batizado aos 16 e falecido aos 17 do mesmo mês e ano.

3.3 CATARINA DE SÃO JOSÉ, nascida aos 25 de agosto de 1721, batizada aos 29 do mesmo mês e ano e falecida aos 30 de julho de 1787 em São João del Rei-MG. Casou-se aos 15 de janeiro de 1737, em Prados-MG, com CAETANO DE CARVALHO DUARTE, filho de João de Carvalho e de Domingas Duarte. Catarina veio para o Brasil com 2 anos de idade, sendo assim confirmada a data aproximada de 1723 como a da vinda das Três Ilhoas.

3.4 JOSÉ GONÇALVES DA FONSECA, nascido em São João del Rei, Minas Gerais-Brasil, casou-se com Teresa Gomes da Rocha, natural de Barbacena-MG, filha de Manoel Gomes Batista e de Maria Gonçalves da Rocha.

2.2 JOSÉ NUNES, filho de Manoel Gonçalves e Maria Nunes, batizado aos 14 de setembro de 1689 e falecido aos 8 de agosto de 1711.

2.3 ANTONIO NUNES – “PILOTO”, batizado aos 12 de julho de 1692 e falecido aos 22 de julho de 1747, na Freguesia de Nossa Senhora das Angústias, onde casou-se aos 10 de outubro de 1717 com ANNA MARIA DA SILVEIRA, falecida aos 5 de dezembro de 1753, filha de PASCOAL SILVEIRA e de MARIA DA RESSURREIÇÃO, esta batizada aos 5 de abril de 1676, filha de MATHEUS LUÍS e de ANNA GARCIA, e irmã de DIOGO GARCIA, que casou-se com JÚLIA MARIA DA CARIDADE. Pascoal Silveira mandou sepultar seu sogro, MATHEUS LUÍS. Antonio e Anna Maria tiveram:

3.1 CATARINA MARIA EUSÉBIA, batizada aos 7 de maio de 1717, falecida aos 30 de janeiro de 1750, casou-se aos 9 de outubro de 1741 com o Piloto MANOEL CORRÊA DE FRAGA, filho de João de Fraga e de Felícia da Luz.

3.2 ANNA, batizada aos 20 de novembro de 1720 e falecida aos 25 de julho de 1724.

3.3 ANTONIO, batizado aos 11 de setembro de 1723.

3.4 ANTONIO, batizado aos 25 de agosto de 1725.

3.5 ANNA, nascida cerca de 1729 e falecida solteira, aos 10 de agosto de 1750.

3.6 ROSA ELISA, batizada aos 24 de março de 1730, casou-se

aos 5 de janeiro de 1753 com Antonio Francisco de Castro, filho de Manoel Francisco de Castro e de Maria de Faria.

2.4 JÚLIA MARIA DA CARIDADE, nascida aos 8 de fevereiro de 1707 e batizada aos 12 do mesmo mês e ano. Casou-se aos 29 de junho de 1724 em São João del Rei – MG, com DIOGO GARCIA, batizado aos 13 de março de 1690, na Freguesia de Nossa das Angústias, filho de MATHEUS LUÍS e de ANNA GARCIA.

2.5 HELENA MARIA DE JESUS, nascida aos 15 de janeiro de 1710 e batizada aos 19 do mesmo mês e ano. Casou-se aos 3 de outubro de 1726 em Prados – MG, com JOÃO DE REZENDE COSTA, natural da Freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Vila do Porto, Ilha de Santa Maria (Açores), filho de de Rezende e de Ana da Costa.

1.2 CATARINA, filha de João Nunes e Madalena George, batizada aos 15 de janeiro de 1670, sem mais notícias.

1.3 MANOEL LOURENÇO- PILOTO, batizado no dia 1 de e 1672, casou-se aos 29 de agosto de 1697 com BARBARA DUARTE, falecida aos 2 de junho de 1704 com 30 anos e já viúva, filha de João Garcia – mareante e de Catarina Duarte. Teve que descobrir:

2.1 LOURENÇO, nascido aos 6 e batizado aos 12 de agosto de 1699, tendo por padrinhos Manoel Rodrigues Duarte, filho de Diogo Rodrigues e de Barbara Duarte e Luzia de São Pedro, filha de Manoel Rodrigues e de Madalena George (a avó paterna e seu 2º marido).

1.4 ANTONIO, último filho de João Nunes, foi batizado aos 4 de fevereiro de 1675, sem mais notícias.

Do 2º casamento com Manoel Rodrigues Furtado, teve Madalena George as 3 filhas seguintes:

1 – FRANCISCA, batizada aos 9 de março de 1679.

2 – LUZIA DE SÃO PEDRO, batizada aos 30 de junho de 1681, falecida aos 20 de outubro de 1703. Casou-se aos 23 de janeiro de 1701 com MANOEL FERNANDES LUÍS, filho de Luís Fernandes e de Aldonça Martins. Filha que descobri:

Antonia, nascida aos 18 e batizada aos 23 de outubro de 1701.

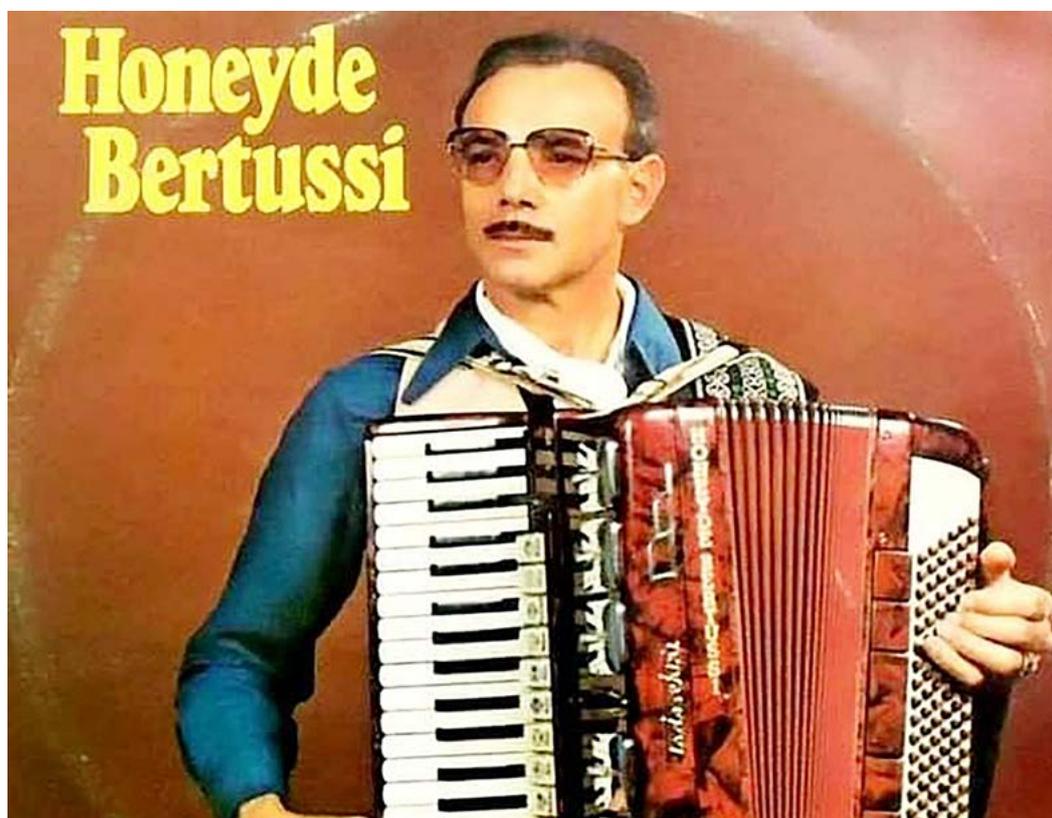
3 – FRANCISCA, batizada aos 26 de dezembro de 1683.

Artistas gaúchos

Honeyde Bertussi

centenário de nascimento (1923 - 1996)

Graziana Fraga



Músico tradicionalista gaúcho, compositor, cantor e acordeonista, Honeyde Bertussi nasceu em 26 de fevereiro de 1923 e faleceu no dia 4 de Janeiro de 1996. Foi conhecido como o "Cancioneiro das Coxilhas", devido ao fato de este ser o nome de seu maior sucesso e, também, por apresentar um programa de Rádio Caxias com o mesmo nome. Iniciou sua carreira artística em 1941. Deixou centenas de composições.

Serviu de referencial para muitos dos gaiteiros e conjuntos musicais de hoje, conhecido em todo Brasil, nunca mediu esforços para levar a cultura gaúcha a todos os estados em bailes, palestras, conferências, congressos, e outras atividades. Com seu irmão Adelar Bertussi (10/02/1933) criou um grupo de baile que ficou conhecido como Irmãos Bertussi, nome dado pelo radialista Alvaro Aquino na Rádio Erechim. Os irmãos foram pioneiros da música tradicionalista gaúcha, tocando em bailes a partir de 1942. O grupo incluiu bateria em bailes, fato inédito, já que nesta época os artistas se apresentavam somente com um pandeiro, uma gaita, um violão e um bumbo legüero.

Em 1955 gravaram o primeiro LP - "Coração gaúcho" e, em 1956, gravaram "O cancionero das Coxilhas". Em 1957 surge uma modernização e o disco de oito polegadas passa para 12 polegadas. A Copacabana relança "O Coração Gaúcho", no lado A e "Cancioneiro das Coxilhas", no lado B, com uma nova capa.

O disco "Só para Você", contendo no lado A – solos de músicas populares e no lado B – trechos de óperas e semiclássicos, executados nos acordeons foi lançado em 1957. No ano seguinte é lançado o disco "Nos Pagos do Sul" com 14 sucessos de canções gaúchas, sendo a consagração nacional dos Irmãos Bertussi.

Em 1960 Os Irmãos Bertussi vão ao Norte do Brasil, em Manaus e Belém do Pará, com todo sucesso. Eles são contratados pela gra-

vadora RCA Vitor e gravam o disco "Passeando nos Pagos". Em 1961 lançam o disco "Que Linda é a Vida" – com solos de acordeon, em 1962, lançam o disco "Oh de Casa" e, em 1963, lançam o disco "Irmãos Bertussi", tangos populares com solos de acordeon.

Daltro Bertussi, filho de Honeyde, também exímio acordeonista entra para o grupo em 1964. E, então, passam a usar o título, não oficial, Os Bertussi. De 1967 em diante, Honeyde e Adelar, passam a trabalhar individualmente, cada um com seu grupo de músicos. E em 1970 Adelar Bertussi assume programa na Rádio Difusora de Porto Alegre.

No ano de 1972, Os Bertussi reúnem-se novamente para gravar o disco "Sangue Gaúcho". Entre 1976 a 1980 Adelar mantém programa na Rádio Caxias. É eleito presidente da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Honeyde aposenta-se, passando a dedicar-se a palestras e apresentações didáticas. Colabora em vários eventos culturais e festivais. É um dos principais ícones da história da música do Rio Grande do Sul.

Adelar assume programa na Rádio Princesa de Caxias do Sul em 1982. Em 1984, Honeyde lança o LP "Grito do Tempo", seu oitavo disco solo. Em 1985, Adelar grava o LP "Adelar Bertussi e sua Música Clássica" e em 1987 Adelar assume programa na Rádio Clube Paranaense e grava o LP Os Bertussi, com o filho Gilnei (acordeonista). Gilnei assumia o conjunto de baile "Os Bertussi", gravando vários discos e prosseguindo a trajetória secular da família. De 1989 até 2000- Adelar e Gilnei lançaram mais sete discos. Em 1990, Honeyde grava precioso depoimento em vídeo para Airton Pimentel, relatando vários eventos importantes da história da música no Rio Grande do Sul.

Em 1996, no dia 04 de janeiro morre Honeyde Bertussi. A Dupla encerra sua jornada. Em 1998, Adelar recebe o título de Cidadão Honorário do estado do Paraná e aposenta-se dos bailes. Em 2001 é lançado o disco "Os Bertussi" - com Adelar, Gilnei e conjunto. Os Bertussi são referência e símbolo do tradicionalismo. Em 1998 Adelar Bertussi deixou o grupo, passando o seu cargo para seu filho Gilney Bertussi.

Através do Decreto de Lei Nº 72/A, de 19 de novembro de 1998, a Câmara de Vereadores concede, anualmente, a Comenda "Medalha Honeyde Bertussi" a até dois cidadãos que tenham prestado serviços em prol da cultura tradicionalista gaúcha em Caxias do Sul.

O Memorial Irmãos Bertussi, homenagem aos renomados artistas Honeyde e Adelar Bertussi, foi inaugurado no dia 27 de abril de 2007, em São Jorge da Mulada, interior de Criúva, distrito de Caxias do Sul. A solenidade aconteceu na Fazenda Bertussi, interior do distrito caxiense de Criúva (São Jorge da Mulada - distante 60 km do centro de Caxias, via São Marcos; e 55km por Vila Seca), onde foi erguido o monumento



OBSESSÃO POR CELULAR: entenda a nomofobia, o medo de se sentir incomunicável sem um telefone por perto

Quem não conhece alguém que não consegue ficar muito tempo sem checar as mensagens no celular? Ou que fica nervoso quando sai e esquece o telefone em casa? Essa dependência, cada vez mais comum, pode indicar um problema sério, que psiquiatras já denominaram como nomofobia, o medo de ficar incomunicável pela falta do aparelho.

— Para saber se a pessoa tem um problema exagerado no uso de celulares é preciso definir se ela vive ansiosa, se sente desconforto caso não cheque o tempo inteiro se recebeu mensagens ou se fica em alerta na expectativa do sinal de notificações — exemplifica Maria Francisca Mauro, mestre em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Diferentes estudos já relacionaram esses excessos no uso do celular a casos de depressão, ansiedade e estresse crônico. Por isso, há quem adote a estratégia de desligar as notificações para reduzir o número de vezes que olha o aparelho. Mas uma pesquisa da Universidade de Penn State, nos Estados Unidos, mostra que o efeito pode ser inverso.

A partir da análise de dados coletados sobre o tempo de tela de 138 pessoas, foi constatado que todos os participantes da pesquisa passaram a utilizar mais os dispositivos quando deixaram o celular em modo silencioso. Em média, eles checavam os telefones 53 vezes ao dia quando os alertas estavam ativados, frequência que passou para 98 vezes depois que os silenciavam. As pesquisas relacionando celular à dependência ainda são consideradas incipientes na psiquiatria.

— Dentro dos critérios de avaliação psiquiátrica ainda não temos uma classificação que configure o vício. Em pesquisas, avaliações e evidências, o termo mais utilizado é o uso problemático do celular. O que sabemos é que essas pessoas têm no uso do aparelho uma forma de manejar algumas emoções, para se sentirem menos entediadas e sozinhas, ou um sentimento de que estão inseridas socialmente através de interações nas redes, como se aquilo fosse uma medida de valor social — explica Maria Francisca.

Segundo ela, estudos mostram que há diferenças entre o uso problemático do celular e vícios em substâncias:

— Diferentemente da bebida alcoólica, do tabaco e de outras drogas, as dependências comportamentais não têm um ativo químico que atua no cérebro. Portanto, critérios como abstinência e a necessidade de usar maiores quantidades para obter o mesmo efeito ficam mais difíceis de serem caracterizados.

Em nível neurobiológico, sabe-se que existe um “sistema de recompensa cerebral” (SRC), que tem como função estimular comportamentos que colaboram com a manutenção da vida, como sexo, alimentação e proteção. Quando o SRC é ativado, com a liberação do neurotransmissor dopamina, proporciona imediatas sensações de prazer e satis-

fação. No entanto, ainda não há estudos que validem uma associação clara de ativação do SRC com o uso problemático do celular.

— Alguns marcadores nos mostram outros comportamentos mais validados, ou seja, quadros de adoecimento emocional, como depressão, ansiedade ou que configuram maior impulsividade. Pessoas que tendem a agir sem planejamento ou não se controlam mediante a ação, além de diagnósticos de transtorno de déficit de atenção e de hiperatividade, podem ter traços comportamentais do uso problemático do celular, em que a forma de comunicação se faz capaz de entrar numa rotina de adoecimento — diz a mestre em Psiquiatria da UFRJ.

Interferência na rotina

Hoje, o dispositivo também é visto como maior facilitador. Um fator de risco, por exemplo, são os jovens que estão mais expostos ao uso de mídias sociais. Uma pesquisa realizada pela Global Web Index (GWI), empresa de segmentação de público, aponta que o usuário típico da internet passa três horas e 39 minutos por dia utilizando a rede em seu celular.

— Para além de apontar o uso do celular com consequências maléficas para a saúde mental das pessoas, se faz necessário elas poderem conseguir ter mais conhecimento de sua interferência em suas rotinas de trabalho e na convivência com a família e amigos — comenta Maria Francisca.

Orientações para reduzir a utilização

Maria Francisca Mauro dá algumas orientações para diminuir o tempo de utilização do telefone celular. O primeiro passo, segundo ela, é tentar fazer essa redução de forma que não seja traumática.

— Precisamos listar quais medidas podem ser simples na vida da pessoa. É preciso compreender quantas horas por dia você está consumindo conteúdo em seu aparelho, além de observar se esse uso está distribuído em trabalho ou lazer — diz.

De acordo com a especialista, não deixar que o uso do celular interfira nas relações pessoais é fundamental.

— Importante observar o que a pessoa tem feito com o seu relacionamento interpessoal para que ele não seja ultrapassado por alguma interação via jogos, consumo de mídias sociais e outro elementos que acabam por retirar o diálogo, a conversa e as relações mais profundas, usando o celular como um artifício de fuga de uma rotina — acrescenta Maria Francisca, lembrando que não é recomendado utilizar o aparelho no período de uma a duas horas antes de dormir: — A luminosidade, as informações e os gatilhos emocionais podem dificultar o sono.

PIXINGUINHA

MÚSICO BRASILEIRO DE RENOME INTERNACIONAL

50 anos de falecimento



Pixinguinha (1897-1973) foi um músico brasileiro, autor da música "Carinhoso", em parceria com João de Barro. Foi arranjador, instrumentista e compositor, um dos maiores representantes do "choro" brasileiro.

Alfredo da Rocha Viana Filho, conhecido como Pixinguinha, nasceu na Piedade, Rio de Janeiro, no dia 23 de abril de 1897. Era filho do flautista e funcionário do Departamento Geral dos Telégrafos, Alfredo da Rocha Viana e de Raimunda Viana.

INFÂNCIA

Pixinguinha cresceu em meio a dezessete irmãos. Estudou no colégio mantido pelo Mosteiro de São Bento. Nunca foi um aluno brilhante, estudava só para agradar os pais.

Durante as serenatas que o pai promovia em casa, Pixinguinha ficava quieto em um canto da sala, só escutando e fascinado pelas valsas, lundus e pelas polcas da moda.

O apelido de "Pixinguinha" foi resultado do nome colocado por sua avó Edwiges, africana de nascimento, derivado do dialeto natal, "Pizindin" (menino bom), que depois virou Pixinguinha.

As primeiras lições de flauta de Pixinguinha foram dadas pelo pai e começaram aos oito anos quando a família foi morar em um casarão de oito quartos e quatro salas, na Rua Vista Alegre, logo apelidado de "Pensão Viana", pois estava sempre cheio de gente.

Com 12 anos Pixinguinha já dominava os conhecimentos de teoria musical, ensinados por César Borges Leitão. Nessa época, tocava flauta, cavaquinho e bandolim, mas sonhava com uma clarinete de sons agudos.

Um dos frequentadores da casa era o professor Irineu de Almeida, que em 1911 levou Pixinguinha, com apenas 14 anos, para o grupo carnavalesco "Filhas da Jardineira".

CARREIRA MUSICAL

Ainda em 1911, Pixinguinha compôs sua primeira música, o chorinho "Lata de Leite". Entusiasmado com o progresso do filho, seu pai importou da Itália uma flauta especial, surgindo assim mais um músico na família.

Levado pelo irmão China, que tocava violão, Pixinguinha foi contratado para o conjunto da "Concha", casa de chope da Lapa. Logo ganhou fama na vida noturna carioca. Tocou ainda no Ponto, no ABC e no Cassino.

Pixinguinha foi convidado pelo violonista Artur Nascimento para tocar com a orquestra do Maestro Paulino no Teatro Rio Branco. No teste, mostrou perfeita harmonia com a orquestra e logo garantiu seu lugar. Estreou tocando na peça "Chegou Neves", com o melhor elenco da época.

PRIMEIRA GRAVAÇÃO

Em 1915, Pixinguinha fez sua primeira gravação para a Casa Faiahauber, com o grupo "Choro Carioca", interpretando o tango brasileiro "São João Debaixo d'água", de seu professor Irineu de Almeida.

Em 1917 gravou para a casa Edison o choro "Sofre Porque Queres" e a valsa "Rosa", da parceria com Alfredo Vianna:

ROSA

Tu és
Divina e Graciosa
Estátua Majestosa
Do amor
Por Deus esculpura
E formada com o ardor
Da alma da mais linda flor...

OITO BATUTAS

Em 1918 Pixinguinha e o amigo Donga foram convocados pelo proprietário do cinema Palais, na Av. Rio Branco, para formar uma pequena orquestra para tocar na sala de espera.

No dia 7 de abril de 1919 o grupo estreou no saguão do Palais tocando maxixes, lundus, batuque e tangos, uma música intensa e animada fez vibrar o público, acostumados com a música importada.

O conjunto fez diversas apresentações em Minas Gerais e São Paulo e logo começou a se apresentar no cabaré "Assírio", no subsolo do Teatro Municipal.

Em 1921 Pixinguinha foi convidado para uma temporada em Paris, financiada pelo milionário Arnaldo Guinle. Com sete integrantes o "Les Batutas" embarcou no vapor Massilia, rumo à Europa.



O grupo "Oito Batutas" foi formado com Pixinguinha na flauta, José Alves (bandolim), José Palmieri (pandeiro), Nelson dos Santos (cavaquinho), Donga e Raul Palmieri (violão), Luís de Oliveira (bandolim e reco-reco) e China (canto, piano e violão).

O Les Batutas permanece por mais de seis meses em Paris tocando em diversas casas. O público francês entusiasmou-se com o chorinho e o samba, ainda com tons do maxixe, que o grupo apresentava.

Quando retornou ao Brasil, Pixinguinha comprou uma casa em Olaria. O grupo retomou seu lugar no Assírio e fez várias apresentações no Rio de Janeiro. Nessa época, Pixinguinha começava a experimentar o "saxofone", instrumento que tocou durante vinte anos.

Em 1926 passou a dirigir a orquestra do Teatro Rialto. Nesse mesmo ano, casa-se com Albertina de Sousa, estrela da companhia de revista que ali se apresentava.

Em 1927, com uma nova formação, os Batutas iniciaram uma turnê na Argentina, onde passaram cinco meses. Apresentaram-se em Mar Del Plata, Mendoza, Rosário e Córdoba.

Dois anos depois, desfez os Batutas e organizou com Donga a Orquestra Pixinguinha-Donga, que gravou vários discos, entre tangos, sambas e chorinhos seus como: Mulher Boêmia, Pé de Mulata, Quem Foi Que Disse e Lamento que mais de trinta anos depois receberia letra de Vinícius de Moraes.

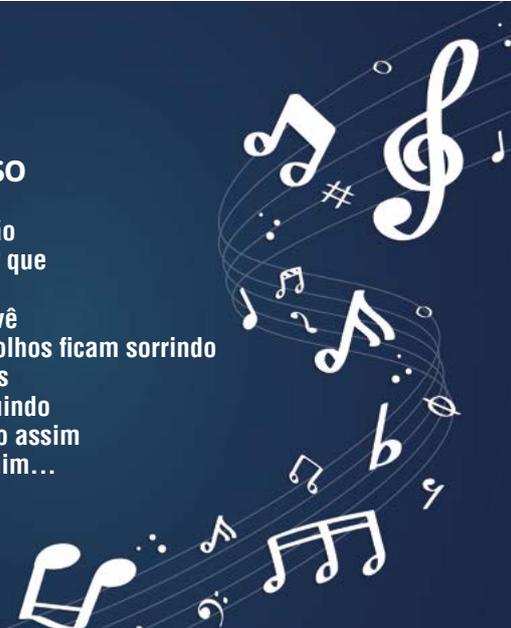
DÉCADA DE 30

Em 1932, Pixinguinha fundou o grupo da "Velha Guarda", junto com Luís Americano, Vantuil, Donga, João da Baiana e outros. Gravaram: Linda Morena, O Teu Cabelo Não Nega e Moleque Indigesto, todas de Lamartine Babo.

Em 1937, Orlando Silva gravou "Carinhoso", composta por Pixi-

CARINHOSO

Meu coração
 Não sei por que
 Bate feliz
 Quando te vê
 E os meus olhos ficam sorrindo
 E pelas ruas
 Vão te seguindo
 Mas mesmo assim
 Foges de mim...



guinha em 1923, mas que só depois recebeu a letra de João de Barros e se tornou o chorinho preferido de Pixinguinha.

DÉCADA DE 40

Na década de 40, Pixinguinha trocou a flauta pelo saxofone e se interessou pelo jazz. Tornou-se amigo de Louis Armstrong sem deixar de ser o senhor absoluto das rodas de choro.

Em 1942 fez sua última gravação como flautista em um dis-



Pixinguinha e Louis Armstrong

co com dois choros de sua autoria: Chorei e Cinco Companheiros.

Com o flautista Benedito Lacerda gravou 34 discos de chorinhos em apenas cinco anos e todas as composições eram suas.

Em 1945 participou da estreia do programa "O Pessoal da Velha Guarda" dirigido e apresentado pelo radialista Almirante.



Pixinguinha e seu saxofone

DÉCADA DE 50

Em 1951, Pixinguinha foi nomeado, pelo prefeito do Rio de Janeiro, João Carlos Vital, para lecionar música na escola Vicente Licínio. A partir de 1953 passou a frequentar o Bar Gouveia com tanta assiduidade que acabou tendo uma cadeira com seu nome gravado, onde só ele poderia sentar.

Em 1954, com João de Barro e Donga formou o conjunto "Velha Guarda". Entre 1955 e 1956 gravou três discos. Em 1955 se apresentou na casa noturna Casablanca.

ÚLTIMOS ANOS

Em 1962 foi convidado para criar a trilha sonora para o filme "Sol Sobre a Lama", junto com Vinícius de Moraes. Nessa época, Vinícius colocou letra na música "Lamento".

Em 1964 Pixinguinha sofreu um enfarte. Enquanto esteve internado, compôs vinte músicas, uma por dia, entre elas, as valsas: Solidão, Mais Quinze dias e No Elevador.

Em 1968, Pixinguinha disse: "Hoje só quero saber de sossego e de viver em paz com todo mundo. Tenho medo que a morte me apanhe de surpresa".

Com mais de 40 anos de casados, Albertina e Pixinguinha não tiveram filhos, mas adotaram Alfredo, que também tinha dons musicais.

Pixinguinha faleceu no Rio de Janeiro, no dia 17 de fevereiro de 1973, enquanto apadrinhava uma criança na Igreja de Nossa Senhora da Paz.

CARNAVAL

A origem do carnaval está nas festas aos deuses da antiguidade, surgindo na Idade Média como um período de celebrações antes da quaresma. Ocorre geralmente em fevereiro ou início de março. Esta festa é muito importante para a nossa cultura, é um fenômeno de massa para a inclusão social e integração dos povos com entretenimento livre e gratuito para todos, movimentando comércio e turismo.

O carnaval foi trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses entre os séculos XVI e século XVII, manifestando como intuito, uma brincadeira popular da época. Ele sofreu várias mudanças com o passar dos anos, antes brincadeiras, teatros, desfiles, bailes com máscaras e muita alegria, hoje muita riqueza e criatividade com os carros alegóricos, homenagem a pessoas importantes, temas diversos, grandes competições, foco na comercialização de itens diversos, roupas, adereços, fantasias, bebidas, comidas etc.

Em São Tiago a festa carnavalesca sempre foi comemorada com alguns blocos, desfiles, muita música e alegria. Nos clubes, matinês para crianças e a noite festas animadas para adultos. O carnaval em São Tiago sempre foi associado aos passeios nas cachoeiras, rios próximos para nadar, beber, comer e divertir bastante. Antes da proibição íamos para a usina e era muito bom ficar sobre aquelas grandes lajes conversando, divertindo sempre com boa prosa de amigos e familiares.

Lembrando nosso carnaval, nas pessoas do Jair e do Jaburu, grandes animadores e articuladores da organização dos festejos, sendo o último criador de vários enredos



dos temas do carnaval na cidade. São Tiago sempre proporcionou um carnaval animado cheio de alegria e descontração para seus moradores e visitantes. É grande a movimentação de pessoas e carros em nossa cidade nestes dias. Atualmente está havendo grande deslocamento para os sítios e comunidades próximas.

Em nossa cidade não tem registros de violências e cada vez mais este evento é um grande marco em São Tiago, com segurança para foliões, excelente organização dos órgãos públicos e envolvimento do são-tiaguense.

Maria Elena Caputo
 Membro do IHGST

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

É uma data extremamente importante no calendário religioso católico. Marca o encerramento do Carnaval e início da Quaresma.

As cinzas, na quarta-feira simbolizam uma passagem bíblica que afirma: "com o suor de seu rosto você comerá o seu pão até que volte a terra, visto que dela foi tirado, porque você é pó e ao pó voltarás - Gênesis" (3,19). Vem da antiga tradição judaica esta prática das cinzas sobre a cabeça ou na testa. Neste dia é recomendado jejum, orações, penitências e abstenção de carne como conversão e reflexão com desejos de mudança. Para esta cerimônia, a Igreja deve queimar os ramos abençoados no domingo de ramos do ano anterior. Sua origem é inspirada em um antigo ritual judaico que remete a fragilidade da vida humana, transitória e sujeita a morte.

No catecismo, desde pequena aprendi essa tradição de não comer carne, como uma identificação com o sacrifício de Jesus. Durante a missa da quarta-feira, Monsenhor Eloi colocava cinzas em nossa cabeça depois de bentas. Esta cinza era também levada as casas dos doentes acamados, no hospital e na Vila Ozanam. Era um dia bem diferenciado; nossos pais nos lembravam toda hora da data e éramos privados de várias atividades.



O ritual de receber as cinzas é significativo no ritual do catolicismo. A meu ver, saíamos daquela cerimônia, energizados e com propósitos diferentes para servirmos a Deus naquele período quaresmal e com pensamentos retos para a vida cristã.

Maria Elena Caputo
 Membro do IHGST



Sancionada lei que cria Dia Nacional do Candomblé e Tradições das raízes africanas

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 14.519/2023, que institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, a ser comemorado anualmente no dia 21 de março. A sanção foi confirmada na edição do Diário Oficial da União desta sexta-feira (6).

Originalmente, o projeto previa a comemoração no dia 30 de setembro. Entretanto, quando tramitou no Senado, o relator da matéria na Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE), senador Paulo Paim (PT-RS), propôs alterar a data. Ele argumentou que o dia 21 de março foi escolhido pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial.

“A ocasião relembra o massacre de 69 pessoas negras que protestavam pacificamente contra o regime de segregação racial na África do Sul, em 1960”, explicou Paim na ocasião em que a matéria foi aprovada na CE.

Até os anos 1960 os praticantes do candomblé se concentravam principalmente nos estados da Bahia e de Pernambuco. Posteriormente, observou ele, com os movimentos migratórios de nordestinos para a região Sudeste do país, o candomblé se expandiu. Estima-se que 3 milhões de brasileiros sejam praticantes da religião. Somente na cidade de Salvador, existem aproximadamente 2.230 terreiros registrados.

HISTÓRICO

O candomblé surgiu no continente africano, na região onde hoje se situa a República Federal da Nigéria, e acompanhou as inúmeras levadas de escravos que aportaram o solo brasileiro no século XVI. Proibida e discriminada por séculos, com seus praticantes tendo sofrido prisões e perseguições, a religião fez uso do sincretismo como forma de legitimação, associando os orixás aos santos católicos. Cada um dos orixás possui características e preferências específicas, como danças, comidas, cores, instrumentos e saudações. Os rituais são vivenciados em locais conhecidos como terreiros, casas ou roças. A liderança de cada um dos locais pode ser matriarcal,

com a figura das ialorixás (ou mães de santo), ou patriarcal, onde exercem a liderança os babalorixás (ou pais de santo). Há ainda os locais de prática que admitem liderança mista.

No ano passado, uma mãe em Araçatuba, interior de São Paulo, perdeu a guarda da filha para a avó evangélica, devido aos rituais de iniciação no Candomblé. No Sul do País, em Santa Catarina, uma estudante foi agredida durante um dos rituais.

“Inicialmente proibida e considerada como ato criminoso, a prática do Candomblé chegou a ser impedida por vários governos, sendo seus adeptos perseguidos e presos pela polícia”, afirmou o autor da lei.

A relatora, deputada Erika Kokay (PT-DF), também enfatizou o significado da data para a população negra brasileira. “Resgatar a nossa ancestralidade, resgatar o que representa a resistência e, ao mesmo tempo, a persistência e a resiliência dos povos tradicionais de matriz africana é fundamental para a construção de uma democracia”, disse ela na última votação da proposta.

A data escolhida pelo Congresso para a comemoração coincide com o marco do Massacre de Sharpeville, escolhido pela Organização das Nações Unidas para a conscientização contra a discriminação racial.

Em 1960, 69 moradores de um bairro negro de Sharpeville, na África do Sul, foram mortos por rajadas de metralhadora da polícia ao protestarem contra a Lei do Passe — que os obrigava a carregar um caderno com os lugares restritos que eles podiam acessar na cidade.

Fonte: Carta Capital

RELIGIOSOS SÃOTIAGUENSES NATIVOS - PERÍODO COLONIAL-IMPERIAL

Pe JOSÉ MACHADO DE FARIA (1782 - 1846)

Pe. José Machado de Faria nascido e batizado na capela de São Tiago aos 07-05-1782 (Livro de batismos n. 9, fls.158v) era filho primogênito do Cap. Francisco Machado Lourenço⁽¹⁾ e Isabel Francisca de Jesus⁽²⁾. Proprietário da Fazenda Ribeirão de Itapecerica na freguesia de Bom Sucesso, aí falecendo aos 29-12-1846 aos 64 anos.

Seus pais casaram-se aos 15-06-1780 na capela de São Tiago (Livro de Casamentos fls. 159).

Ordenado aos 23-12-1815 em Mariana pelo Bispo D. Frei José Cipriano (Fonte: Cônego Trindade – “Arquidiocese de Mariana” 1953, I vol., p. 180, com a informação “124 – José Machado de Faria – Pium-i”).

Recebeu, em doação dos pais, “terras de campos de criar, matas virgens e capoeiras” na freguesia de Nossa Senhora do Livramento de Piumhi e ainda “um sítio com logradouros, campo, matos virgens, capoeiras, água tirada, monjolo, bananeiras, árvores de espinho sito nas margens do Rio Grande.

Residiu, além de São Tiago, nas freguesias de São Bento do Tamanduá, Congonhas do Sabará e Bom Sucesso).

(De Genere et Moribus – Pe. José Machado de Faria – 1813 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Registro 2821, armário 14, Pasta 0999 – Pesquisador Elimar C. Santo, a quem muito agradecemos).

Pe. José Machado redigiu, de próprio punho, seu esmerado e minucioso testamento aos 11-08-1845 em sua fazenda, deixando como testamenteiros em 1º lugar Isabel Maria dos Anjos (filha/herdeira), em 2º lugar o Alferes José Coelho dos Santos e em 3º Antonio Felisberto dos Santos “e aquele que o aceitar terá o prêmio de cento e vinte mil réis” O testamento contou com cinco testemunhas “moradores do distrito de Bom Sucesso”, foi aberto aos 30-12-1846, determinando o testa-

dor “se celebrem cinquenta missas segundo minha intenção” e “terão os testamenteiros qualquer que for o tempo de quatro anos para dar contas”.

Pe. José Machado de Faria reconheceu em testamento dois filhos/ herdeiros: 1. Severiano José de Faria c/c Francisca Francelina de Jesus. 2. Isabel Maria dos Anjos c/c José Machado de Mello, residentes e moradores na Fazenda Paris Velho, vila de Piumhi, “distante da freguesia de Bom Sucesso para mais de 30 léguas”. Conforme registro, a herdeira Isabel, ao se casar, recebeu de dote, 5 escravos no valor de 1:740\$000; já o herdeiro Severiano recebeu, por legitima, um escravo no valor de 550\$000.

Pe. José Machado deixou vasto patrimônio, devida e detalhadamente inventariados os bens, incluindo:

- Fazenda “Ribeirão de Itapecerica” na freguesia de Nossa Senhora de Bom Sucesso compreendendo casas de moradas, paiol, terreiro com suas benfeitorias, moinho, monjolo, composta por 408 alqueires de terras (20 alqueires de matos, 300 alqueires de capoeiras, 60 alqueires de catanduvras (sic), 28 alqueires de pasto cercado) no total de 13:170\$000.
- Dinheiro em espécie e metais – 301\$000.
- artigos de prata, talheres, utensílios domésticos, ferramentas, móveis e peças de madeira, artigos de couro e selaria, artigos religiosos, víveres etc – 1:215\$760.
- Animais (equinos, bovinos, suínos) – 664\$000.
- Roças – 320\$000.
- 27 escravos – 14:045\$000.
- Monte-mór – 29:006\$640.
- Custas – 128\$215.
- A cada herdeiro – 10:771\$141.

Pe. José Machado deixou, de forma detalhada, a destinação de seus escravos e culturas existentes na propriedade.

NOTAS

(1) O Cap. Francisco Machado Lourenço nasceu aos 19-05-1752 na freguesia de Santa Bárbara, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores, filho de Gregório Machado Dutra e D^a. Maria Perpétua da Conceição de São Boaventura, natural da Ilha Terceira, bispado de Angra, casados na Igreja Paroquial de Santa Bárbara, concelho de Nove Ribeiros, Ilha Terceira, bispado de Angra (Fonte: De Genere de Pe. José Machado de Faria).

Migrando jovem para o Brasil, estabeleceu-se inicialmente na região de São Tiago e posteriormente para a região de Capitólio e Piumhi, onde, além de próspero fazendeiro, tornou-se capitão da Companhia de Ordenanças do distrito da capela da Confusão. Um dos primeiros e maiores desbravadores da região da mata do Rio Piumhi, onde - após sair de São Tiago - chegou no final da década de 1790, transformando matas em produtivas fazendas. Um dos maiores fabricantes de fumo em larga escala, à época, da Província mineira.

Casou-se em Prados com Isabel Francisca de Jesus, filha de Antonio Rodrigues de Faria, natural da Ilha do Pico, bispado de Angra e D^a. Maria Francisca de São José, também natural da Ilha do Pico.

O Cap. Francisco Machado Lourenço faleceu em Piumhi, aí sendo sepultado.

Filhos do casal Cap. Francisco Machado Lourenço e Isabel Francisca de Jesus:

1. Pe. José Machado de Faria, nascido em São Tiago por volta de 1782/1783.

2. Cap. João Machado Lourenço, nascido em São Tiago aos 22-11-1785. Casado com Ana Joaquina de Mello, nascida em Piumhi aos 25-04-1798. Um dos grandes benfeitores de Piumhi, tendo feito subscrições para construção da casa da câmara e cadeia (Fonte: Arquivos da Câmara Municipal de Piumhi – transcrição do prof.

Luis Augusto Junio Melo). O Cap. João Machado Lourenço faleceu em Piumhi aos 19-04-1858.

3. Francisco Machado Lourenço Rebello, nascido em São Tiago aos 08-05-1788 e falecido em Piumhi em 1858.

4. Antonio Machado de Faria, nascido em São Tiago aos 06-08-1790.

5. Maria Perpétua da Conceição, nascida em São Tiago em 1793.

6. Ana, batizada aos 21-08-1796 na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Piumhi.

7. Maria Francisca.

8. Manoel Machado Lourenço, batizado na matriz de Nossa Senhora do Livramento em Piumhi aos 30-03-1799.

9. Joaquim Machado Lourenço, nascido aos 11-02-1801 e batizado na matriz de Nossa Senhora do Livramento em Piumhi aos 27-02-1801.

10. Mariana Antonia de Jesus, nascida aos 15-03-1803 e batizada aos 10-04-1803 na matriz de Nossa Senhora do Livramento em Piumhi.

(Fonte: genealogy.geni.com/people/Francisco-Machado-Lourenço/6000000159182450931, acesso aos 24-04-2022) Pesquisas de Lucas Venturini // Projeto Compartilhar – Antonio Rodrigues de Faria.

(2) D^a Isabel Francisca de Jesus era n. de Prados, onde foi batizada na matriz de Nossa Senhora da Conceição aos 30-09-1761 filha de Antonio Rodrigues de Faria (1717-1802) e Maria Francisca de São José (1729-1805), np de Antonio Rodrigues da Costa e Águeda Rodrigues, naturais da freguesia de São Mateus. Bispado de Angra, Ilha do Pico, Arquipélago de Açores e nm de Manoel Rodrigues Garcia e Isabel do Rosário, naturais da dita ilha e freguesia. Padriños de seu batismo: Antonio Goulart de Faria e Izabel do Rosário.

Antonio Rodrigues de Faria era irmão do Cap. João Rodrigues de Faria, proprietário da Fazenda das Laranjeiras em São Tiago, naturais da freguesia de São Mateus, Ilha do Pico, Açores.

SG. Cx.57, Doc. 82 – Proposta de nomeação que faz o Capitão Francisco Machado Lourenço indicando a Joaquim Botelho da Costa para o posto de Alferes da Companhia de Ordenanças do distrito da capela da Confusão, termo da vila de São Bento do Tamanduá – 05/07/1818.

(Fonte: siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/search.php?query=sãofrancisco+tamanduá, acesso aos 24-04-2022)

APM - SG-Cx.75-Doc.70 – Data 26-10-1808 – Mapa-Lista Nominativa da população/Habitantes da vila do Tamanduá.

Nomes: (...) : Francisco Machado Lourenço (...)

- Redator do testamento/codecílio de José Borges Campos, datado de 23-02-1823, no arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso. “Por não poder escrever, pedi ao Padre José Machado de Faria que este por mim o fizesse” (MRSJDR – ano 1829 – cx. 435) O Alferes José Borges Campos faleceu aos 26-11-1826.

- Celebrante e padrinho de batismo de Clementina, aos 03-05-1817 na igreja de N. Senhora de Bom Sucesso, filha de Antonio Alves Madeira e Florisbela Cândida de Jesus (Projeto Compartilhar – Antonio Alves Madeira / Amaro Alves Madeira).

- Celebrante e padrinho de Jerônimo “no ano de 1820, pouco ou mais ou menos nesta matriz de Bom Sucesso (na verdade 1823, conforme registro de casamento de Jerônimo), filho de João Machado Neto e Margartida Izabel de Jesus (Projeto Compartilhar – José de Andrade Braga).

- Testemunha de casamento de João Gualberto de Carvalho Guimarães e Antonia Miquelina de São José aos 11-09-1839 na matriz de Nossa Senhora de Bom Sucesso.

E ainda testemunha de casamento do Ten. Antonio José de Oli-

veira e Cândida Marcelina de São José aos 06-07-1836 na igreja de Nossa Senhora de Bom Sucesso (Projeto Compartilhar – Frutuoso Dias de Oliveira).

- Testemunha de casamento de José Coelho dos Santos e Maria Ribeiro dos Anjos aos 03-08-1836 na igreja de Nossa Senhora de Bom Sucesso (Projeto Compartilhar – Genoveva de Almeida e Silva).

- Padrinho de batismo de João Ignácio de Faria, filho de Ignácio José Rebello e Theresa Maria de SantAna, aos 25-12-1797 na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Piumhi.

Dois dos irmãos de Pe. José Machado, João Machado e Maria Francisca, “solteiros, filhos do Capitão Francisco Machado Lourenço” foram padrinhos de bastismo de José Ignácio de Faria, filho de Ignácio José Rebello e Theresa Maria de Santana, aos 20-09-1807 na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Piumhi.

(Projeto Compartilhar – Theresa Maria de SantAna).

- Celebrante do batizado (“batizou e pôs santos óleos”) a Antonio Correa de Souza, filho de José Antonio Correa e Maria de Souza Monteiro, aos 15-09-1826 na capela da Mata.

Celebrante do batismo de Francisco Correa Monteiro aos 05-11-1827 na capela de Perdões.

E ainda de Maria Umbelina de Souza, batizada aos 19-10-1828 na capela de Perdões.

E de Joaquim Correa de Souza batizado aos 22-08-1829 - Lavras (Projeto Compartilhar – Maria de Souza Monteiro).

- Celebrante do casamento de Maria Joaquina de Jesus e José Alves Pereira, aos 20-08-1825 na capela de Perdões.

E de Maria Francisca do Carmo c/c Francisco Moreira de Andrade aos 14-02-1825 na capela de Perdões.

(Projeto Compartilhar – Antonio Correa Afonso).

PE. JOSÉ MACHADO DE FARIA

Sua vida conjugal mereceu amplas referências pela pesquisadora Edriana Aparecida Nolasco – obra “Sob o signo da “Fragilidade Humana” Em nome dos padres e filhos: famílias de clérigos em Minas Gerais (Século XIX)” Belo Horizonte, UFMG 2022) PP. 87, 221

“O padre José Machado foi um dos sacerdotes que escreveu de próprio punho o seu testamento. Percebe-se o apuro de seu texto ao solicitar os sufrágios. No que diz respeito ao seu sepultamento, dispôs:

“Declaro que, se ao tempo do meu falecimento, sendo no lugar de minha residência, estando fechado o cemitério do Campestre, o meu desejo é ser ai sepultado, vindo o pároco assistir ao enterro; a este, além de se pagar os direitos de sua estola, se dará mais de gratificação dez mil réis, vindo também oito músicos para os responsos, a cera, a mesma acima declarada, pois que então considero mais decente o dito cemitério que os adros das freguesias e capelas vizinhas”.

Observou e detalhou, outrossim:

“*Finda a minha existência temporal, meu cadáver será investido de vestes sacras, segundo o estilo da Igreja, depositado em caixão, este ornado com decência, porém nada de pompa. Acompanhado pelo pároco respectivo e mais um sacerdote, havendo no lugar independente de ser procurado em outra qualquer parte, o qual ou os quais dirá missa de corpo presente pela minha alma, um oitavário de missas sucessivas ao meu falecimento, de esmola de mil e duzentos. Será sepultado em cemitério ou adro mais comodo ao meu falecimento. Se dará a cera tão somente precisa a clérigos insignias, condutores do cadáver e de música se a houver*”

(IPHTAN/MRSJDR - Testamento de Pe. José Machado de Faria – 1845 – cx. 04, Livro de Testamentos 4, fls. 16)

“Na Fazenda do Ribeirão da Itapeçerica, em Bom Sucesso, o padre José Machado de Faria possuía, entre diversos bens, uma ermida e nela constavam uma mesa, quadro, dois ornamentos e breviários. Os tachos, balanças e fornos, descritos no inventário em grande quantidade, somados à farinheira, aos caixões de arroz e polvilho e quarente e sete alqueires de feijão e ainda os bovinos, muare e suínos, apontam para a produção de mantimentos e para a prática da comercialização. Pai de dois filhos, e envolvido com a produção na Fazenda do Ribeirão, com a ajuda de seus 27 cativos; o padre José Machado não hesitou em envolver esforços para dinamizar suas atividades econômicas. Além disso, construiu uma casa para a própria filha, doando-a ainda vivo, conforme a seguinte declaração: “Declarou ele, inventariante, que seu testador mandou edificar a casa nova para a herdeira Dona Isabel e a entregou em sua vida.” Conforme já mencionado, a paternidade não se esgotava diante do sacerdócio e por vezes, a dedicação às atividades econômicas explicava-se pela preocupação de garantir aos filhos a sustentação, a sobrevivência, a proteção e o conforto. Seguramente, entre as atividades do sacerdócio, constatadas pela ermida da Fazenda, de um lado a produção voltada para o comércio, do outro encontrava-se um pai amoroso, que buscou oferecer à filha um teto para sua segurança e sobrevivência” (AHETII/MRSJDR Testamento de Padre José Machado de Faria 1847, Livro 4, fls. 1).

CRÔNICAS
 L. BARRETO

O novo manifesto
Lima Barreto

Eu também sou candidato a deputado. Nada mais justo. Primeiro: eu não pretendo fazer coisa alguma pela Pátria, pela família, pela humanidade.

Um deputado que quisesse fazer qualquer coisa dessas, ver-se-ia bambo, pois teria, certamente, os duzentos e tantos espíritos dos seus colegas contra ele.

Contra as suas ideias levantar-se-iam duas centenas de pessoas do mais profundo bom senso.

Assim, para poder fazer alguma coisa útil, não farei coisa alguma, a não ser receber o subsídio.

Eis aí em que vai consistir o máximo da minha ação parlamentar, caso o preclaro eleitorado sufrague o meu nome nas urnas.

Recebendo os três contos mensais, darei mais conforto à mulher e aos filhos, ficando mais generoso nas facadas aos amigos.

Desde que minha mulher e os meus filhos passem melhor de cama, mesa e roupas, a humanidade ganha. Ganha, porque, sendo eles parcelas da humanidade, a sua situação melhorando, essa melhoria reflete sobre o todo de que fazem parte.

Concordarão os nossos leitores e prováveis eleitores, que o meu propósito é lógico e as razões apontadas para justificar a minha candidatura são bastante ponderosas.

De resto, acresce que nada sei da história social, política e intelectual do país; que nada sei da sua geografia; que nada entendo de ciências sociais e próximas, para que o nobre eleitorado veja bem que vou dar um excelente deputado.

Há ainda um poderoso motivo, que, na minha consciência, pesa para dar este cansado passo de vir solicitar dos meus compatriotas atenção para o meu obscuro nome.

Ando mal vestido e tenho uma grande vocação para elegâncias.

O subsídio, meus senhores, viria dar-me elementos para realizar essa minha velha aspiração de emparelhar-me com a deschanelesca¹ elegância do senhor Carlos Peixoto.

Confesso também que, quando passo pela rua do Passeio e outras do Catete, alta noite, a minha modesta vagabundagem é atraída para certas casas cheias de luzes, com carros e automóveis à porta, janelas com cortinas ricas, de onde jorram gargalhadas femininas, mais ou menos falsas.

Um tal espetáculo é por demais tentador, para a minha imaginação; e, eu desejo ser deputado para gozar esse paraíso de Maomé sem passar pela algidez da sepultura.

Razões tão ponderosas e justas, creio, até agora, nenhum candidato apresentou, e espero da clarividência dos homens livres e orientados o sufrágio do meu humilde nome, para ocupar uma cadeira de deputado, por qualquer Estado, província ou emirado, porque, nesse ponto, não faço questão alguma.

Às urnas.

Vida urbana, 16-01-1915

IN: BARRETO, Lima. *Crônicas escolhidas de Lima Barreto*. Coleção Folha – Não dá pra não ler. São Paulo: Ática, 1995, pág. 89-91.

¹ Deschanel, Paul (1855-1922): Político francês, presidente da República de fevereiro a setembro de 1920.

[PALAVRA DO TEJON]

“NUNCA TANTOS DEVERAM TANTO A TÃO

poucos”

— WINSTON CHURCHILL —



LEIA E COMPARTILHE

A saga da humanidade é uma jornada longa forjada por líderes intrépidos, sós, uma minoria que mudou o mundo atuando com a convicção inabalável das mudanças ascensionais.

Acabei de receber um texto de Paulo Hartung, agora presidente do IBÁ (Indústria Brasileira da Árvore), sobre uma cerimônia no late Clube do Rio de Janeiro em homenagem a um líder que foi o precursor do desenvolvimento do setor de árvores cultivadas para fins industriais com sustentabilidade e responsabilidade social: Erling Lorentzen. Este visionário completaria 100 anos em 2023 e deixou uma mensagem extraordinária dizendo: “o impossível leva mais tempo”.

Hoje, atuo com a consciência e a certeza de que quando me dizem algo ser impossível, mais eu creio na sua total possibilidade.

Na frase do título desta coluna, durante a segunda guerra mundial, Churchill enfrentava com recursos limitados o maior poder militar da época, considerado imbatível, exército e força aérea da Alemanha nazista. E escreveu aquilo que encontramos como métodos dos eventos transformadores da história da vida na terra, uma minoria ativa e consciente, os diferentes, mudam o mundo.

Passado um tempo podemos admirar os resultados destes seres humanos especiais. No cooperativismo vejo a mesma coisa. Todas as cooperativas que visito e conheço, sempre



POR JOSÉ LUIZ TEJON, PALESTRANTE ESPECIALISTA EM AGRONEGÓCIO E MEMBRO EDITORIAL DA REVISTA MUNDOCOOP

pergunto: como foi o início? Qual era a situação? Quantos criaram e constituíram esta cooperativa? A resposta sempre repete a frase de Churchill: “nunca tantos deveram tanto a tão poucos”.

Neste mês estou conhecendo mais uma destas extraordinárias histórias. Eram 22 heróis, chamados de “os homens de botinas” há 37 anos atrás. E essa alusão as botinas, na época, não eram exatamente um adjetivo honroso. Conectava esses 22 a uns “ingênuos” para não utilizar aqui algo mais pejorativo. “Uns caras que estavam criando uma cooperativa, ideia esquisita que nunca ia dar certo”.

Muito bem, em 2023 essa ideia impossível dos “22 homens de botina” é a cooperativa de crédito Sicoob Creditvertentes que reúne 35 mil associados, gera prosperidade para toda a região e que deverá crescer a níveis de alta performance também neste ano.

Os funcionários, diretoria, cooperados e a sociedade da região jamais podem esquecer essas lições. E tendo

oportunidade procurar seus fundadores, trocar ideias e recuperar os seus valores, onde coragem foi determinante para enfrentar os incômodos da fundação, enfrentar as vozes negacionistas, desenvolver confiança, a partir da confiança a cooperação, com a cooperação a criação das forças produtoras reunidas, ao criar obter a consciência da vitória humana sobre as incertezas e a possibilidade do sucesso com a sabedoria humana.

Então, a conquista pode ser presenciada e estudada na hora em que paramos para uma celebração, momento da reflexão e da correção dos rumos, pois nada está pronto, tudo na vida está sob constante necessidade de aperfeiçoamento.

Da mesma forma o nosso modelo de vida cooperativista, a maior indústria da dignidade humana na terra. Cooperativismo é o poder do caráter, do bom caráter, daquele que jamais se ajoelha perante o medo, as ilusões e que existe para fazer o que tem que ser feito na marcha da sensatez.

Líderes cooperativistas merecem o Nobel da paz. Parabéns a esses humanos a quem tanto devemos!

Na cooperativa Sicoob Creditvertentes, em Minas Gerais, obrigado fundador presidente Joao Pinto Oliveira, que inspire sempre a toda juventude cooperativista. 🌱

30 ditados populares e seus significados

Ditados populares são passados de geração para geração e transmitem conhecimento e sabedoria para pessoas mais novas.

Ditados populares são frases ou expressões consideradas sábias, porque são passadas de geração para geração e transmitem experiências e conhecimentos que podem ajudar pessoas mais novas a entenderem determinados comportamentos e acontecimentos.

A origem das expressões pode ser conhecida ou não, bem como pode ser incerta. As frases são faladas pela população em geral, independentemente da idade e da classe social.

Os ditados populares são mantidos ao longo dos anos e são elementos importantes da cultura nacional ou local. Fazem parte ainda da diversidade cultural do Brasil. Às vezes, os ditados ultrapassam as fronteiras da língua portuguesa e podem ser traduzidos, literalmente ou não, para outros idiomas, causando a mesma sensação de sabedoria.



Ditados populares são elementos importantes da cultura nacional ou local.

Há ditados de folclore, ditados nordestinos, ditados religiosos, ditados de amor, ditados engraçados etc. Muitas vezes, essas expressões são cobradas em provas de escola, vestibulares e Enem, especialmente em questões de interpretação de texto.

O Brasil Escola separou alguns dos principais ditados populares e seus significados. Confira:

1) A pressa é a inimiga da perfeição – mostra que é necessário ter paciência e fazer as coisas devagar para alcançar os objetivos.

2) A corda sempre arrebenta do lado mais fraco – indica que pessoas com classe social considerada mais baixa em relação à outra são prejudicadas primeiro.

3) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura – sinaliza que é necessário persistência para conseguir o que se deseja.

4) Águas passadas não movem moinho – remete à ideia de que o que passou, passou, e que não é possível mudar o passado.

5) Amigos, amigos, negócios à parte – revela que as amizades podem ser abaladas quando há dinheiro envolvido. Por isso, não seria bom misturá-los.

6) Cada macaco no seu galho – apresenta o conceito de que cada um deve cuidar da sua vida e não se intrometer na do outro.

7) Cão que ladra não morde – mostra que algumas pessoas ameaçam com palavras, mas, na verdade, não fazem nada, por isso não é necessário temê-las.

8) Casa da mãe Joana – refere-se a um lugar onde as pessoas têm liberdade para entrar e fazer o que quiserem, em qualquer hora.

9) De médico e louco, todo mundo tem um pouco – sinaliza que as pessoas, no geral, têm um lado mais sensato e um lado mais impulsivo.

10) Deus ajuda a quem cedo madruga – pessoas determinadas, que acordam cedo para trabalhar ou estudar, conseguem seus objetivos.

11) De grão em grão, a galinha enche o papo – usamos esse ditado quando queremos dizer que determinado objetivo será alcançado aos poucos, etapa por etapa.

12) Devagar se vai longe – apresenta que pessoas que fazem atividades com calma, cada uma a seu tempo, conseguem ter mais sucesso do que as que realizam seus afazeres apressados.

13) Diga com quem anda que lhe direi quem és – afirma que o caráter de uma pessoa pode ser definido pelo caráter das suas amizades.

14) Esmola demais até santo desconfia – remete à ideia de que, quando uma pessoa elogia outra em excesso ou lhe oferece presentes, é porque pode estar querendo algo por trás.

15) Filho de peixe, peixinho é – mostra que, no geral, os filhos têm atitudes parecidas às que têm os seus pais.

16) Há males que vêm para o bem – significa que um acontecimento aparentemente ruim pode representar algo bom no futuro.

17) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – indica que é mais importante ter algo menos valioso, mas concreto, do

que algo valioso, mas que é difícil de ser obtido.

18) Mente vazia, oficina do diabo – apresenta que, quando alguém não tem atividades, o tempo ocioso toma conta da sua mente, motivando a ter pensamentos negativos.

19) Não deixe para amanhã aquilo que você pode fazer hoje – nesse caso, a ideia é que a pessoa faça agora mesmo as suas atividades, pois depois elas se acumularão.

20) Não ponha a carroça na frente dos bois – orienta as pessoas a seguirem o curso natural das coisas e não mudá-las.

21) Nem tudo que reluz é ouro – mostra que nem sempre as aparências contam, é preciso conhecer melhor uma pessoa por dentro para saber qual é o seu caráter.

22) Onde há fumaça, há fogo – indica que, quando a pessoa desconfia de algo ou alguém por ter sinais, realmente há motivo para tal desconfiança.

23) Para bom entendedor, meia palavra basta – é usado em situações nas quais o interlocutor capta rapidamente a mensagem que o locutor está produzindo.

24) Por ele eu ponho minha mão no fogo – sinaliza quando uma pessoa confia cegamente na outra a ponto de acreditar em tudo que ela fala.

25) Quem não é visto, não é lembrado – ressalta que pessoas que se isolam ou não se mostram podem ser esquecidas ou substituídas por outras que estão mais à vista.

26) Quem não tem cão caça com gato – remete à ideia de que, quando não temos algum objeto adequado para realizar a atividade, devemos improvisar.

27) Roupa suja se lava em casa – indica que as pessoas devem discutir ou brigar somente entre membros da família, não na frente de desconhecidos.

28) Saco vazio não para em pé – revela que devemos nos alimentar, porque, caso contrário, não teremos forças e podemos sentir-nos mal a ponto de desmaiar.

29) Quem com ferro fere, com ferro será ferido – significa que as pessoas que prejudicam outras serão prejudicadas um dia da mesma forma.

30) Um dia é da caça, outro, do caçador – mostra que as pessoas têm dias e dias, que podem ser bons ou ruins, portanto, vida que segue.

**Por Silvia Tancredi
Jornalista**